

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Adriele Emilene Feix Rodrigues

**LEITURA LITERÁRIA E AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ORAL:
Bebês que brincam com livros.**

Porto Alegre

1º semestre

2016

Adriele Emilene Feix Rodrigues

**LEITURA LITERÁRIA E AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ORAL:
Bebês que brincam com livros.**

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em parceria com o Ministério da Educação – 2ª edição.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cristina Maria Rosa

Porto Alegre

1º semestre

2016

Agradecimentos

Obrigada, Senhor, pela vida e coragem, pelas oportunidades e inspirações, pelo entusiasmo e trabalho prazeroso de conviver com bebês.

Obrigada, mãe, minha primeira professora, entusiasta e maior incentivadora em sempre continuar, sempre concluir o que foi iniciado. Obrigada, pai, pelas orações e abraço apertado. Obrigada, Martin, meu bem, pela paciência e cuidado com nossas coisas, enquanto eu estava longe de casa. Obrigada, Silvana e Carlos, meus sogros, também mãe e pai, pela alegria de viver e pelo filho maravilhoso que criaram. Obrigada, família – minhas irmãs, cunhado, sobrinho e cunhada –, pelo carinho de sempre.

Obrigada, Letícia, por compartilhar o acesso a oportunidades de contínua formação profissional. Obrigada, Rejane, pelas trocas de experiências e parceria diária, junto do maior incentivo de trabalho: nossos bebês. Obrigada, SMED-NH, pela liberação e incentivo a formação de seus profissionais. Obrigada, Claudete, Mônica e Mary, pela organização de minha carga horária de planejamento, auxiliando na participação das aulas da Especialização.

Obrigada, a cada bebê, a cada família, pela possibilidade de convívio e aprendizado.

Obrigada a cada professor, bolsista, coordenação e à secretaria do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil – UFRGS/MEC – 2ª edição, pelo auxílio e olhar carinhoso ao profissional da educação. Também pela confiança depositada em cada um dos alunos através do conhecimento dividido, construído, multiplicado. Obrigada a cada colega, pelas demonstrações de coragem, garra e vontade de fazer diferente, de ser melhor. Melhor profissional para si, para a educação pública, para as crianças.

E, por fim, obrigada, muito obrigada, professora Cristina, pela paixão empregada em tudo o que fazes. Seja a aula dada, a história narrada, a visita guiada, o poema recitado ou o trabalho orientado: és inspiração!

RESUMO: No trabalho descrevo e analiso o repertório de palavras de um grupo de dez bebês. Iniciada em agosto de 2015, quando os pequenos tinham entre dez e dezesseis meses, a pesquisa foi concluída em janeiro de 2015. O foco - a ampliação do vocabulário - foi relacionada à presença de leituras literárias e cantigas em interações semanais na escola. A pesquisa foi realizada em uma escola da rede municipal de Novo Hamburgo e buscou responder as seguintes perguntas: Como a leitura literária de modo frequente e deliberado oportuniza e qualifica o processo de aquisição da linguagem oral? Há ampliação do repertório de palavras? É possível ler literatura para bebês? Há compreensão de palavras, sons, desfechos por parte dos bebês? Bebês leem? Parto do pressuposto de que os bebês possuem um pensamento pré-linguístico e uma linguagem pré-intelectual, como indica Vygotsky (1998), e que, para lhes auxiliar na evolução das funções sociais da fala, os bebês contam com os adultos que o cercam – familiares e professores. Cabe a estes manter uma mediação qualificada através da Leitura Literária e, assim, apresentar aos pequenos os "rudimentos do comportamento leitor" (Rosa, 2015). As estratégias metodológicas para a investigação foram: **1.**Registro do repertório de palavras utilizados pelos bebês, de agosto a dezembro/2015; **2.**Escolha de livros literários, acalantos e cantigas a serem apresentados a eles intencionalmente; **3.**Registro de palavras adquiridas concernentes ao repertório oferecido; **4.**Entrevistas com as famílias dos bebês. Dentre os resultados descrevo a grande quantidade de palavras incorporadas pelos bebês a partir dos acalantos e o grande interesse dos mesmos pelos livros. Evidenciando a importância do ambiente escolar nas práticas iniciais de Letramento Literário (Cosson, 2015). E que, conforme a cultura familiar - a importância e a relação com a linguagem vivenciada em casa –, os bebês terão maior ou menor interesse e necessidade de comunicarem-se oralmente. Também as diferentes leituras realizadas pelos bebês, não só dos livros, mas das situações, dos gestos e imagens, numa relação de enamoramento pelas possibilidades de uso da linguagem, não apenas como comunicação, mas também “objeto de admiração, como espaço da criatividade” (Paulino, 2015).

Palavras-chave: linguagem oral; bebês; creche; comunicação; leitura literária.

Sumário

1. Introdução	5
2. Para começo de conversa	6
2.1 O contexto do estudo	6
2.2 A pesquisa e seus objetivos	8
2.3 O problema de pesquisa	13
3. Personagens dessa história: dez bebês em comunicação	15
3.1. Histórias narradas entre o cuidar e o educar: dez bebês em comunicação	15
Lucas, o caçula da turma.	15
John, o bebê que adorava bolas.	15
Ana, a reservada.	15
Benjamin, o sapeca.	16
Hannah, a silenciosa.	16
Vicente, o que gostava de livros.	16
Luis, o minucioso.	17
Rafaella, a falante.	17
Letícia, a expressiva.	17
Flávia, a reservada.	17
4. A pesquisa e suas descobertas	19
4.1 As intervenções com livros infantis: lendo para os bebês	19
4.2 Cantigas e acalantos: a música na escola	22
4.3 Entrevistas com as famílias: práticas familiares de leitura, diálogos e música	23
1. Lucas (14 meses/dezembro de 2015)	24
2. John (15 meses/dezembro de 2015)	25
3. Ana (17 meses/dezembro de 2015)	26
4. Benjamin (17 meses/dezembro de 2015)	27
5. Hannah (18 meses/dezembro de 2015)	28
6. Vicente (18 meses/dezembro de 2015)	29
7. Luis (18 meses/janeiro de 2016)	30
8. Rafaella (21 meses/janeiro de 2016)	31
9. Letícia (20 meses/dezembro 2015)	32
10. Flavia (20 meses/ dezembro de 2015)	33
5. Concluindo	36
Referências	39
Anexos	41

1. Introdução

Início com um convite a pensar sobre um momento de seu dia em que encontrou com alguém: um amigo, colegas de trabalho ou um vizinho. Acredito que tenha conversado e que, anterior e durante o diálogo, tenha observado e feito, mentalmente, algumas considerações acerca do outro, seu interlocutor. □ Por mais banal que tenha sido o encontro, ele foi, com certeza, pleno de □ comunicação. □ Tudo isso para afirmar que as palavras e os silêncios mais gestos, expressões, olhares, sorrisos, emolduram e se entranham em nosso dia a dia e que esta infinita possibilidade que a linguagem oral proporciona me encanta. Mais que isso, me intriga. E é aí que tem início a pesquisa que deu origem a este TCC.

Guiada pelo interesse em saber acerca do desenvolvimento da linguagem oral em bebês descrevo e analiso o repertório de palavras de um grupo de bebês entre quatro e onze meses. A fim de responder de que forma a leitura literária interfere e amplia o repertório de palavras dos bebês, realizei observações na escola, registrei seu vocabulário e entrevistei as famílias dos mesmos. Junto das famílias encontrei o maior volume de dados para análise. Nas entrevistas conheci sobre os hábitos leitores da família bem como o espaço que as canções tem na vida dos bebês.

Para contextualização do estudo, descrevo um pouco da realidade das escolas públicas de educação infantil do município de Novo Hamburgo, os objetivos e questões para pesquisa. Em seguida faço a exposição das características dos bebês, descrevo as intervenções com cantigas, livros e as entrevistas com as famílias. E, para concluir, analiso o repertório de palavras dos bebês: se houve aumento, se há influência das intervenções ocorridas na escola e da família nesse processo.

2. Para começo de conversa

“Não existe revelação mais nítida da alma de uma sociedade do que a forma como esta trata as suas crianças”. Nelson Mandela (1918-2013)

Um bebê recém-chegado ao mundo vive um universo de primeiras vezes. Ele é intenso, destemido, audaz, tem um olhar curioso, quer tudo ver, saber, aprender. Essa compreensão do sujeito criança, especialmente o bebê, é recente em estudos na educação brasileira. Apenas em 1996 é que a Educação Infantil passou a integrar a Educação Básica do país, regida pela Lei de Diretrizes e Bases – LDB nº 9394/96. A partir daí, cuidar e educar passaram a ser primordiais na educação de crianças bem pequenas e foram necessárias adequações nas instituições que as atendiam, especialmente no âmbito das propostas pedagógicas e na formação dos profissionais.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998) conceitua criança como um “sujeito social e histórico” e, mais recentemente, com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), essa noção foi aprimorada. Nas Diretrizes, a criança é entendida como um

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Brasil, 2010, p. 12).

Até chegar à escola, com cerca de três ou quatro meses, muitas experiências o bebê já viveu. Contudo, ao ser apresentado a um contexto de vida coletiva – à escola, suas rotinas e ritos, aos cuidadores, professores e outras crianças – desde muito cedo, essas experiências se amplificam, intensificam e socializam.

2.1 O contexto do estudo

Novo Hamburgo, cidade da região metropolitana de Porto Alegre, tem cerca de 238.940 habitantes¹. Matriculados na rede pública municipal de ensino (31 escolas

¹ De acordo com o documento “Radiografia da Educação Infantil” organizado pelo Tribunal de Contas do Rio Grande do Sul e disponibilizado em 2013.

municipais de Educação Infantil, 53 escolas municipais de Ensino Fundamental e a Escola Municipal de Arte²), cerca de 23.450 crianças.

Dois anos antes – 2013 – e de acordo com pesquisa do Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Sul, havia 11.810 crianças entre zero a três anos na cidade. Destas, apenas 2.868 matriculadas em escolas. Para atender ao Plano Nacional de Educação (2014-2024), que tem como primeira meta o atendimento de 50% das crianças nessa faixa etária, o município precisaria criar, até 2016, mais 3.037 vagas, exigência estabelecida pelo artigo 29º da LDB (1996), que define a Educação Infantil pela sua finalidade, ou seja, prevê, através dela, “o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos”. O artigo 30º complementa essa demanda, informando que as vagas para crianças de zero a três anos e de quatro e cinco, consecutivamente, “devem ser ofertadas em creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade” e em “pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade” (LDB 9394/1996, p. 13).

Foi no universo dessa cidade onde atuo como educadora que desenvolvi a pesquisa que deu origem ao TCC. A investigação foi realizada em uma das escolas municipais, a EMEI Pequeno Polegar. Criada no ano de 1977 (Decreto Municipal nº 65/77) e nomeada pela lei municipal nº 26/77, a EMEI Pequeno Polegar passou, em 1999, a ser gerida pela Secretaria de Educação³, alteração efetuada pelo Decreto Municipal nº 364/99, de acordo com o Plano Político Pedagógico (PPP EMEI Pequeno Polegar, 2012). Situada no bairro Guarani, atende a crianças entre zero e três anos (faixa etária de creche), todas em turno integral. Caracteriza-se por ser um ambiente de convívio, interações, trocas e aprendizados entre adultos e crianças. Para Fochi (2015, p. 104), uma escola que assim se organiza oportuniza que as crianças ali presentes construam e constituam “um modo de ser e de estar no mundo”.

Na escola, a turma escolhida para a pesquisa é composta por cinco meninos e cinco meninas que, em fevereiro, tinham entre quatro e dez meses. Quando dei início à pesquisa – agosto de 2015 – estavam com idades entre dez e dezesseis meses. Responsáveis pela turma eu e a professora Rejane Juchem⁴.

² Disponível em: <http://educacao.novohamburgo.rs.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=2>

³ Anterior à LDB 9394/1996, era de responsabilidade da Secretaria de Saúde e Assistência Social.

⁴ Rejane Maria de Negri Juchem é professora da Rede Municipal de Novo Hamburgo desde 1993. Trabalhou com Ensino Fundamental, mas nas turmas de Faixa Etária 5 e 6, por 13 anos e, na vontade de descobrir como os bebês aprendiam, optou por trabalhar na Educação Infantil, especificamente na Faixa Etária 0, a partir de 2006. A professora autorizou a citação de seu nome e demais informações no TCC (Anexo 5).

Como pesquisadora compreendo a necessidade de ser uma professora com “olhar estrangeiro” (FONSECA, 2012, p. 10), com olhar como o de viajante, encantado pelas novidades de cada novo local conhecido, que encare com entusiasmo cada movimento pesquisador dos bebês e este é um desafio diário. Penso que parte do papel do professor inclui a responsabilidade de manter vivo o desejo, próprio dos bebês, de descobrir, de experienciar, de viver e de estar por perto, dar suporte e segurança, quando preciso, mas, também, brincar e dar espaço para que a criança aprenda por si, na interação com o meio e com os outros, como almeja Fochi (2015, p.104): um professor que possa “dar presença”, que prepare um ambiente propício aos encontros entre bebês e bebês, bebês e adultos e, finalmente, adultos e adultos. Para tanto, penso, é essencial que eu, professora, respeite a criança como um ser capaz, curioso, que traz consigo uma história em andamento. Parto do princípio que, apesar de ser um bebê bem pequeno, é um ser social, tem uma família, uma história. Malaguzzi (1992) citado por Fochi (2015), explicita esse conceito de infância

Há séculos as crianças esperam ter credibilidade. Credibilidade nos seus talentos, nas suas sensibilidades, nas suas inteligências criativas, no desejo de entender o mundo. É necessário que se entenda que isso que elas querem é demonstrar aquilo que sabem fazer. A paixão pelo conhecimento é intrínseca a elas (MALAGUZZI, 1992 in FOCHI, 2015, p. 46).

2.2 A pesquisa e seus objetivos

Diante dos dados e das exigências legais mencionadas, é possível perceber que nem todas as crianças têm acesso à escola, mesmo que em período parcial. Para Elizabeth Serra⁵ (2015), em defesa do Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE⁶ – a escola faz diferença quando o tema é o ingresso na cultura escrita

A escola pública no Brasil é, para a maioria das crianças, a porta de entrada para o contato com a cultura escrita, que deve ser prazeroso, atraente e permanente como o é para aquelas crianças de famílias que têm condições financeiras e culturais para proporcionar-lhes a magia que é ouvir histórias dos livros (SERRA, 2015).

O interesse da pesquisa foi registrar os processos escolares iniciais de bebês num mundo letrado, ou seja, os “rudimentos do comportamento leitor” (Rosa, 2015). Para a autora, os rudimentos são “as primeiras noções, os princípios de uma ciência, língua ou arte” e conhecer como as crianças se manifestam diante da literatura ao mesmo tempo em

⁵ Elizabeth D’Angelo Serra é Secretária Geral da FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

⁶ SERRA, Elizabeth D’Angelo (2015) em carta da FNLIJ ao Ministério da Educação.

que a apresentamos a ela é “alfabetizar literariamente”. De acordo com Junqueira e Rosa (2015), há uma função humanizadora na alfabetização literária

A presença da literatura na vida da criança, por meio de seu principal suporte, o livro, cumpre uma função humanizadora insubstituível e indispensável para o desenvolvimento integral de sua personalidade. Embora os valores agregados ao livro infantil na sociedade de mercado venham o transformando em objeto de desejo a ser consumido, não se deve perder de vista a função humanizadora da literatura infantil, por meio da qual a criança se apropria da realidade concreta e da fantasia (JUNQUEIRA & ROSA, 2015).

A criança tem um desejo próprio por descobrir, ela desenvolve-se numa busca constante em demonstrar seus saberes e aprender cada vez mais e mais. Caso esse processo de acesso à cultura através de experiências seja interrompido ou mesmo impedido por algum motivo, há, na leitura, a possibilidade de acesso à cultura e produção do conhecimento, como afirma Fonseca (2012)

É por meio da leitura que as pessoas podem ter acesso ao legado cultural da humanidade, construído ao longo dos anos. E isso é maravilhoso! Tudo (mas tudo mesmo) que quisermos saber sobre qualquer área do conhecimento pode ser encontrado, aprendido e estudado por meio da leitura (FONSECA, 2012, p.13).

Quando se trata de sujeitos tão pequenos, bebês, inquietações se apresentam: Leitura com bebês? E bebês entre dez e dezesseis meses? Eles já são capazes de ler? Na busca por respostas, cerquei estudos que indicam que crianças pequenas demonstram conhecer/reconhecer práticas de cultura letrada (os impressos e seus usos) e podem aprender rudimentos do comportamento leitor (ouvir, prestar atenção, reconhecer sons/vozes de personagens, indicar que querem o contato com o livro) além de fazer múltiplas leituras do que as cerca. Assim, “leem” desde que nascem. Rosa (2015) evidencia isso ao citar os estudos de Vygotsky, que afirma que

É nos primeiros meses de vida (primeira infância ou fase pré-intelectual) que algumas funções sociais da fala se tornam aparentes: a criança tenta atrair a atenção do adulto por meio de sons diferenciados, em variados tons e intensidades. Intenta, com isso, obter retorno a suas demandas: organizar o pensamento, comunicar-se, falar, expressar, simbolizar. (ROSA, 2015, p.3).

É através do olhar, do choro e do sorriso que os bebês buscam suas primeiras interações e dialogam em trocas de olhares. Um dos estudos disponíveis se encontra registrado no documentário *Secret Life of Babies* (2015). Nele, há indicações importantes,

entre elas, que os bebês, “podem compreender três vezes mais palavras que podem dizer” e que, desde o ventre materno, ouvem os sons externos ao corpo que o abriga, da mesma forma que, poucos minutos após o nascimento, podem reconhecer a voz e o sotaque da mãe e que isso os ajuda a reconhecer os membros da família.

Os cientistas do Birkbeck Babylab⁷ descobriram que mesmo antes de bebês falarem, indicam uma “compreensão extremamente sofisticada do mundo”. Essa afirmação tende a confirmar o que aponta Rosa (2015)

A inteligência começa a se organizar por meio de reflexos inatos e são atos de adaptação ao meio físico, exterior, ao universo do indivíduo. Para Piaget (1975), a capacidade cognitiva é que constrói mentalmente as estruturas capazes de serem aplicadas às do meio e, assim, a criança constitui sua inteligência através da interação com o mundo, com e através dos esquemas mentais que possibilitam apreender a realidade. Para o autor, a construção das capacidades intelectuais ocorre por estágios e, em cada um deles, a criança desenvolve um conjunto de esquemas cognitivos que lhe possibilita compreender o mundo e atuar sobre ele, ou seja, manifestar-se, falando ou calando (ROSA, 2015, p. 3).

De fato, não há como saber ou interpretar as aprendizagens construídas por cada um dos bebês durante os momentos vividos no decorrer do dia. Algumas crianças se expressam mais, outras menos, mas é fundamental manter o diálogo com elas que, por necessidade, buscam comunicar-se, especialmente, como se refere Havessi *in* Falk Org. (2011, p. 55), relatando experiências na escola conhecida como Lóczy, onde trabalhava, nos momentos de atenção pessoal como higiene e alimentação. Nesses ritos cotidianos, é fundamental manter-se conversando com o bebê, indicando a ele o que será feito em seu corpo, quais os nomes dos ritos/atos, incentivando-o a pensar sobre o alimento e a higiene.

É desse modo, acredito, que a criança pode perceber que, em alguns momentos, a mãe e/ou profissional⁸ está dedicado somente a ele, o escuta e vê. Para o desenvolvimento da criança bem pequena, informa Falk (2011, p. 55), ter alguém que demonstre interesse por ela, “fale com ela, escute-a, espera a sua resposta e reage à sua resposta” é essencial. Assim, conversar com os bebês, mesmo quando ainda não respondem de “maneira convencional”, é fundamental. Essa posição é sustentada por Fochi (2015)

A palavra *conversar*, da mesma família do termo “*bavarder*”, do francês, deriva do latim “*baba*”, onomatopeia do balbuciar infantil, muitas vezes acompanhado

⁷ Centre for Brain and Cognitive Development, situado em Londres, Inglaterra. Disponível em: <http://www.cbcd.bbk.ac.uk/babylab>

⁸ Refiro-me a profissional que pode ser da saúde, no caso de enfermeiras, cuidadoras, etc. Como da educação – professora, pedagoga, etc.

de constante salivar. No mesmo sentido, “*conversatio*”, do latim, significa “viver com”, “encontrar-se com frequência” ou ainda, “virar-se”, “voltar-se para” (FOCHI, 2015, p. 99).

Dessa forma, fica claro que sim, pode-se conversar com os bebês, desde antes de nascerem, pois, desde o ventre materno já ouvem as interações realizadas pela mãe e membros da família, e deve-se usar, quando dessas interações, vocabulário rico, sem diminutivos desnecessários ou facilitações. Se considera-se as últimas descobertas publicizadas em *Secret Life of Babies* (2015), percebe-se que há estruturas internas e externas agindo quando da aquisição da fala que é, de acordo com Rosa (2015), um processo individual e coletivo

Individual do ponto de vista interior (das estruturas necessárias para a aquisição) e social, do ponto de vista da cultura disponível, o pequeno exemplar humano depende da qualidade das interações para o seu desenvolvimento. Essa dependência é vital: quanto mais elaborada a linguagem ofertada pelo adulto, mais qualificado é o processo de aquisição, internalização, confronto e expressão do que sente o pequeno (ROSA, 2015, p. 1)

As primeiras tentativas de comunicação ocorrem através do choro, que parece quase instintivo, mas que vai tomando significado, conforme o bebê percebe que suas necessidades são atendidas ao serem sinalizadas. O olhar e o sorriso são outras formas de manter contato com os que o cercam. Em seguida, fazem experimentos com sua voz e iniciam-se os balbucios. A troca de intensidade e tonalidade ao expressar-se são características dessa fase de “testes vocais”.

A fim de compreender a maneira como se dá o desenvolvimento durante a aquisição da linguagem oral nos bebês, realizei observações, fiz anotações das palavras pronunciadas pelos bebês, antes e depois das interações semanais com cantigas e acalantos além de livros literários. Realizei para complementar a investigação, entrevistas com as famílias dos bebês envolvidos.

No capítulo *Múltiplas Linguagens na Educação da Infância: perspectivas de protagonismo compartilhado entre professor, criança e conhecimento*, um dos contidos no livro *Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas*, Junqueira Filho (2015, p 129) afirma que “as linguagens estão no mundo, e nós estamos nas linguagens”. Para ele, “tudo o que as crianças e o professor fazem, em interação uns com os outros, intermediados pelo mundo, pelo conhecimento, é linguagem, é conhecimento, pois:

... indica algo sobre esses sujeitos, as linguagens e o mundo, o que possibilita que os possamos ir conhecendo, aprendendo algo sobre eles, nós, uns sobre os outros e sobre tudo o que chega do mundo, proposto pela professora e pelas crianças – música, dança, pintura, escultura, arquitetura, culinária, literatura, brincadeiras, jogos, oralidade, escrita, tsunamis, guerras, desertos, animais, florestas, montanhas, mares, céus, classificação, seriação, contagem, conflitos, atitudes, valores, leis, regras, direitos, deveres... (JUNQUEIRA FILHO, 2015, p.129).

Observando os estudos de Vygotsky (1998, p.6), percebe-se que “a função primordial da fala é a comunicação, o intercâmbio social”. Nessa perspectiva, a comunicação entre pessoas sempre me encantou. E ainda mais a possibilidade de registrar e postergar o que é dito. Aí se encontra, acredito, a beleza da oralidade: sua possibilidade de eternização na escrita. Os registros gráficos têm a intenção de comunicar tanto quanto a comunicação tem vontade de eternizar-se nos registros.

Ao tornar-me professora me dediquei a conversar com as crianças. Na Educação Infantil, em especial, realizava rodas diárias de conversa. Uma e outras se tornaram texto, ditados pelas crianças e registrados por mim que, logo em seguida, os expunha nas paredes da sala e escola. Ali, nas “rodas de conversa”, podíamos falar sobre uma série de assuntos que nos interessavam ou mesmo a respeito de um tema específico proposto por um de nós.

Independente do tema, o importante era a comunicação, pois como afirma Junqueira Filho (2015, p. 139), “a roda, a conversa e o protagonismo compartilhado são linguagens pelas quais conhecemos um pouco mais esses sujeitos e os conhecimentos que os colocam em relação”.

As crianças pequenas, entre dois e quatro anos, têm muito a dizer. Conhecem muito sobre muitas coisas. Logo a rodinha, com eles, torna-se fácil e cheia de assuntos. Entretanto, ao pensar em registrar diálogos a partir de canções e leituras que considerem a linguagem empregada por bebês entre quatro e dez meses, interrogações são inevitáveis. É possível? Recolherei material suficiente para uma análise? Serei capaz de descrever e considerar o que foi percebido?

Ao ser desafiada a trabalhar em uma turma com bebês de até onze meses, a primeira dificuldade que imaginei vir a ter era o que, inversamente me fascinava: o diálogo com as crianças. Não demorou muito para eu descobrir que, mais que possível, era delicioso conversar com os bebês.

Conversar, cantar para os bebês, os acalma. A narrativa das ações a serem realizadas com eles proporciona segurança. Além disso, expressa respeito por seres tão pequenos e tão cheios de potencial. E ainda há algo melhor: é recíproco. A segurança afetiva desenvolvida através da interação proposta a eles por mim, professora, trouxe tranquilidade e conforto a eles e criou laços. Também por esse motivo foquei em realizar a pesquisa na turma com a qual atuei como docente no ano de 2015, concomitante aos estudos na Especialização.

O intuito foi registrar as palavras que os bebês utilizaram nos últimos meses de nosso convívio mais próximo e diário. Intencionei buscar fidelidade quando do registro das palavras, dando máxima atenção ao que os bebês diziam e ao que se reportavam. A proximidade do pesquisador com sua pesquisa e os atores nela envolvidos, nesse caso, é fundamental, apesar dos riscos inerentes a toda pesquisa desse cunho.

2.3 O problema de pesquisa

Com o intuito de descrever e analisar o repertório de palavras de um grupo de bebês com idades entre dez e dezesseis meses, a partir da interação com cantigas e acalantos na escola, realizei, durante o segundo semestre de 2015, a pesquisa que deu origem a este TCC. Como procedimentos, busquei responder as seguintes perguntas: Como a leitura literária, compreendida aqui como “prática cultural de natureza artística” que promove, “com o texto lido uma interação prazerosa”, de acordo com Paulino (2014), de modo frequente e deliberado oportuniza e qualifica o processo de aquisição da linguagem oral? Há ampliação do repertório de palavras? É possível ler literatura para bebês? Há compreensão de palavras, sons, desfechos por parte dos bebês? Bebês leem?

Para auxiliar na busca por respostas, alguns objetivos foram traçados:

1. Oferecer leituras literárias semanais com o intuito de ampliar o vocabulário dos bebês e observar se estes incluem palavras das leituras ofertadas em seu repertório;
2. Escolher cantigas e acalantos da cultura brasileira para interação com os bebês e cantá-las integralmente e frequentemente;
3. Buscar compreender o processo de aquisição da linguagem oral em bebês através de suas interações no meio escolar;
4. Observar e descrever o comportamento dos bebês na escola, especialmente quando aos momentos de literatura (canções, acalantos, leituras literárias);

O desejo de pesquisar a aquisição da linguagem oral dos bebês surgiu quando, há alguns anos, minha colega de turma, a professora Rejane, propôs que contássemos histórias para os bebês. Inicialmente fiquei em dúvida, mas logo depois aceitei. Não sabia exatamente como e por que contar histórias para bebês tão pequenos. Na primeira experiência percebi o quão valioso era tal momento. Percebi que os bebês se concentravam nas pequenas narrativas realizadas, que a entonação da voz capturava suas atenções para o objeto livro que ali se apresentava e que o ritmo da narração fazia com que os bebês se interessarem pelo momento. Com os estudos propostos pela Especialização em Docência na Educação Infantil ofertado pela FACED/UFRGS, meu desejo por compreender o processo de aquisição da linguagem dos bebês se intensificou.

As observações e anotações do repertório se iniciaram em agosto, quando os bebês tinham entre dez e dezesseis meses. A estratégia traçada para a realização do estudo foi observar e registrar as palavras ditas pelos bebês diariamente e, compilá-las mensalmente. Através da utilização de livros literários, cantigas e acalantos, pude observar se houve um aumento no léxico dos bebês. Posteriormente, entrevistei as famílias, para saber de seus hábitos de leitura e comunicação com os bebês, buscando interpretar se essa relação influencia na aquisição da linguagem oral dos mesmos.

As entrevistas foram elaboradas em formato semi-estruturado (Anexo 1) e continham questões sobre o gênero do bebê, práticas de leitura na família e na presença do bebê, o tipo de impressos que circulam na casa do bebê e sobre interações como cantigas e conversas dos adultos e/ou irmãos com os bebês.

3. Personagens dessa história: dez bebês em comunicação

Um grupo é formado de individualidades. Além da diversidade de idades, cada bebê traz consigo sua história de vida familiar e social, experiências vividas, maneira de ser e estar no dia a dia da escola, vontades, desejos e necessidades. Necessidade física e cognitiva de desenvolver-se, experimentar as propostas de leitura e interação com cantigas. Experimentar com o corpo, com todos os sentidos, como é próprio dos bebês fazer.

3.1. Histórias narradas entre o cuidar e o educar: dez bebês em comunicação

Cada um dos encontros propostos com os livros e cantigas na turma foi uma surpresa. Sempre receptivos, dispostos e ansiosos pela novidade que viria, cada um dos bebês viveu intensamente, a sua maneira esses momentos que, para mim, foram de interação e pesquisa. A seguir descrevo algumas peculiaridades de cada um dos bebês, característica e interesse nas intervenções realizadas.

Lucas, o caçula da turma.

Nascido em outubro, tinha dez meses em agosto. Era um menino simpático e que, com poucos balbucios, se comunicava através de gestos, apontando para o objeto desejado. Muito concentrado nas leituras dos livros, mostrava-se atento a convenções da turma: assim que o tapete chegava, aproximava-se para sentar sobre ele. Para responder a perguntas feitas pela professora, como, por exemplo, “Queres mais banana?”, acenava com a cabeça, quando negativo. Em novembro, pronunciou a palavra “não”, que foi bastante utilizada por ele após ser aprendida.

John, o bebê que adorava bolas.

Nascido em setembro, estava com onze meses em agosto. Sua primeira palavra, registrada por mim, foi “bola”, no mês de setembro. Ao aprender a caminhar, não buscou equilíbrio nas barras espalhada pela sala, mas pediu auxílio da professora para erguer-se e saiu chutando a bola. Era um menino que gostava de manusear os livros e ganhar um colinho para ouvir a narração de uma história. Durante o período da pesquisa, encontrou muitas bolas pela sala e na rua⁹. Até bola quadrada. John pegou, inúmeras vezes, os dados estofados da sala e lançou para frente dizendo “bola”. Ao fim da pesquisa pronunciava outras palavras como “Adi”, para me chamar, “água” e “amina”, referindo-se a amiga Hannah.

Ana, a reservada

⁹ A mãe do menino relatou que, no mercado, comprando frutas, apontava para elas e dizia “bola, bola”.

Nascida em julho, aos treze meses, Ana era uma bebê de concentração incrível e muito reservada. Ao brincar pela sala, gostava de ficar sozinha, mesmo que, às vezes, buscasse estar com outras colegas. De monossílabas a trissílabas seu vocabulário foi se ampliando durante a pesquisa. Com notória evolução no desenvolvimento de aquisição da linguagem oral, em agosto balbuciava bastante, mas pronunciava uma ou outra palavra. Com evolução mensal observada, em dezembro uma grande quantidade de palavras puderam ser registradas como de seu repertório.

Benjamin, o sapeca

Nascido em julho, aos treze meses, Benjamin era muito sapeca e balbuciava muito. Foi com ele que observei diferentes entonações nos diversos momentos em que falou balbuciando. Apontava para o que desejava ter e, quando chamávamos sua atenção por algum motivo, chorava com afinco. Em uma de minhas intervenções, o bebê estava brincando pela sala e, ao perder uma disputa de brinquedos, começou a chorar. Foi consolado pela colega Rafaella, que se aproximou e abraçou-o. Enquanto foi abraçado, parou de chorar, mas quando ela se afastou, chorou novamente. Seu choro fez com que a colega se aproximasse de novo e acalentasse o menino com seu abraço. Isso se repetiu até que Rafaella olhou para minha colega Rejane como que se perguntasse o que deveria ser feito. Rejane lhe alcançou o bico de Benjamin. Assim que a bebê colocou o bico na boca de Benjamin, ele findou o choro.

Hannah, a silenciosa

Nascida em junho, Hannah, no auge dos seus quatorze meses, era uma bebê que pouco balbuciava. No fim do mês de novembro ouvi-a chamando “mãe”. É cautelosa e não gosta de se arriscar junto do grupo. Nos momentos em que está mais próxima da professora, sente-se mais à vontade e procura comunicar-se mais, através de balbucios. Demonstrou grande interesse e concentração durante as narrativas de histórias. Quando a interação era com cantigas, ela focava sua atenção e parecia ficar contente com as músicas.

Vicente, o que gostava de livros

Nascido em junho, Vicente esteve afastado da escola por dois meses e meio devido ao um problema de saúde. Durante sua presença nas intervenções realizadas com os livros, parecia encantar-se pelo artefato, suas ilustrações e o ritmo da narrativa. Percebi que apesar de expressar poucos balbucios, buscava a interação com os colegas e as professoras, através do olhar ou apontando o que desejava. Durante um momento de brincadeira,

observei Vicente com uma revista em mãos, folheando e apontando para uma imagem de bola.

Luis, o minucioso

Nascido em junho, Luis revelou-se muito concentrado e minucioso nas brincadeiras, bem como com os livros, com os quais gostava de brincar, folhear, enfim, ler. Utilizando, inicialmente, poucos balbucios ele foi demonstrando, gradativamente, interesse em comunicar-se com os colegas e as professoras. Após a troca de fraldas, repeti o hábito de auxiliar o bebê a sentar-se dizendo: “Um, dois, três e...” e Luis completou “Já!”. Em outro momento, brincando com um telefone, Luis colocou-o no ouvido e disse “alô”. Acredito que essa “conversa” ao telefone seja uma prática recorrente observada pelo bebê, pois diversas vezes, brincou de comunicar-se com o telefone.

Rafaella, a falante

Nascida em abril, a Rafaella era a bebê que mais palavras pronunciava no início das observações. Constantemente a percebi, no intuito de comunicar-se com os colegas e com as professoras, balbuciar muito. Além disso, por diversas vezes, observei-a imitando os colegas, enquanto choravam ou resmungavam. Era engraçado. Por exemplo, Lucas estava chorando, Rafaella o imitava, fazendo de conta que chorava. Entretanto, a bebê também buscou acalmar o bebê John enquanto chorava, colocando-se a frente dele e dizendo “John” e, em seguida, abraçando-o. Rafaella parece estar aprimorando seu entendimento das funções sociais da fala.

Letícia, a expressiva

Nascida em abril, Letícia apresentava marcantes expressões faciais e, através delas, se comunicava com facilidade com as professoras. Mesmo utilizando poucas palavras, buscava conversar com os colegas. Tais expressões também são percebidas enquanto cantamos para e com a turma bem como quando mudamos a entonação na leitura de livros. Ouvi a bebê chamar “au-au” quando, brincando na pracinha da escola, um cachorro passou pela calçada. Ela olhou para mim e nomeou-o.

Flávia; a reservada

Para completar o grupo de bebês observados, descrevo Flávia, que, com dezesseis meses, se apresentou uma bebê reservada e cautelosa, mas muito interessada nos livros. Aos poucos, foi expressando algumas palavras, especialmente ao auxiliar seus colegas. Observei Flávia chamando “Ana”, “Hannah” e “John” em momentos em que estes haviam perdido seus objetos pessoais (sandália, bico) pela Sala Referência e a bebê os encontrou,

procurou pelos colegas, disse seus nomes e entregou os pertences para os respectivos donos.

Uma observação que pode ser acrescida ao desenvolvimento da linguagem oral dessa bebê foi a evolução da pronúncia da palavra água que, em outubro, era dita “agum”, mas que em dezembro era pronunciada “água”. Sempre que a Flávia pedia “agum” eu procurava repetir a pronúncia acertada da palavra, sem corrigi-la ou pedir para repetir. Eu falava: - Água, Flávia? E lhe alcançava a mamadeira com água. Percebi, também, o cuidado dela ao pedir “cença” ao passar por um colega. Atribuo esse uso ao que era, reiteradas vezes, solicitado pela professora: pedir licença, não empurrar os colegas.

4. A pesquisa e suas descobertas

A roda de conversa não ocorre de maneira convencional¹⁰ com os bebês, com todos sentados em círculo, sobre um tapete ou em cadeirinhas. Mas, nem por isso, o diálogo deixa de ocorrer. É de maneira individual, olho no olho. É assim, também, que o bebê vai se constituindo enquanto sujeito.

Há maneiras de diálogos em grupo, dentre eles as convenções de turma. Um tapete, por exemplo, sempre trazido em momentos especiais, como para exploração de um material diferente e novo cria a convenção de que quando chega o tapete, algo interessante o acompanha. Assim, é possível reunir a turma, mesmo que de bebês, criando um ritmo, uma dinâmica, não para que se torne mecânico o convívio, mas para que se estabeleçam combinados e hábitos de grupo. Quando, no início do ano letivo, por serem muito pequenos, alguns bebês não se sustentam sentados sem apoio, a maneira encontrada, para a narração das histórias, foi sentá-los em carrinhos e bebês conforto, organizados em meio círculo. De acordo com seu amadurecimento físico, são convidados para que se sentem sobre um tapete, no centro da sala. O tapete é uma convenção interna, de turma, para algo bom que vem.

No dia da leitura¹¹, o livro era trazido. O objetivo inicial desse movimento de narração de histórias e uso do livro com bebês era o hábito leitor desde muito cedo, como garante Fonseca (2012, p. 36), ao dizer que “o professor de Educação Infantil tem um papel importantíssimo nessa fase da vida da criança (primeira infância), em relação aos seus primeiros contatos com a leitura e a formação de hábitos leitores”.

4.1 As intervenções com livros infantis: lendo para os bebês

Para o início da pesquisa, observei os bebês durante seus momentos de brincadeiras e exploração dos brinquedos **da** e **na** sala referência¹² e, também, nos

¹⁰ Numa roda de conversa convencional, a turma senta-se em círculo, junto da professora. Ali discutem acerca de um tema, que pode ser proposto pelas crianças, pela professora ou até pela instituição. Por vezes, é ponto de partida para estudos mais aprofundados, onde se indicam as curiosidades, dúvidas das crianças referentes a um tema.

¹¹ As intervenções com livros foram semanais, por isso refiro-me ao “dia da leitura”. Não estava definido que seria um dia específico da semana, mas que em algum deles, ocorreria o uso do objeto livro para leitura aos bebês.

¹² A Sala Referência é onde, diariamente, a turma se reúne com as professoras para as vivências de aprendizado. Ambiente conhecido pelos bebês. É ali que ocorrem as aulas. Logo, poderia nomeá-la sala de aula. Contudo, uma “sala de aula” pode ser embaixo de uma árvore, no corredor, na pracinha, onde é possível reunir um grupo de alunos e o professor. Já a “sala referência” é onde um grupo ou turma, bem como cada indivíduo, se reconhece pertencente, confortável e confiante para se expressar, interagir e desenvolver, por isso assim prefiro referir-me a esse espaço. Fochi (2015, p. 41) faz referência a essa expressão ressaltando as

momentos de atenção pessoal, quando da higiene e alimentação. Observei-os junto às professoras e com seus pares e minha atenção, nesses momentos, foi primordial.

Em agosto, no início das observações, as bebês Ana e Rafaella apresentavam vocabulário de duas e três palavras, consecutivamente. Ana dizia “pai” e “da”, já Rafaella pronunciava “pai”, “água” e “xixi”. Os demais bebês balbuciavam, alguns mais outros menos.

Procurei registrar as palavras que cada um dos bebês empregava durante os momentos referidos. Ter convívio com eles e saber seus nomes foi fundamental, para cada etapa da pesquisa, mas em especial nessa. Acredito que, caso não tivéssemos confiança mútua, eu não teria ouvido tais palavras. Anotei as palavras em meu celular e, posteriormente, registrei-as no arquivo da pesquisa. Em seguida, nas intervenções com os livros, após a leitura, observei os bebês nos mesmos momentos. E anotei as palavras balbuciadas ou utilizadas por eles a partir da interação.

Uma das primeiras palavras registradas foi dita por Ana, em agosto, enquanto brincava pela sala. Ela se aproximou das fotos de sua família, expostas numa das paredes da sala referência, apontou para elas e disse “pai”.

Para a leitura dos livros escolhidos¹³, utilizei-me do ritual conhecido por eles: trouxe o tapete para o centro da sala. Conforme o tapete foi estendido, os bebês se aproximaram, caminhando e engatinhando, e sentaram-se sobre ele. Iniciei lendo o livro *Pedro Pinguim*, Jo Rigg & Simon Mugford, 2008. Os bebês estavam quase que em semicírculo, concentrados na narração. Um deles preferiu sair antes do término da história, porém, quando eu estava fazendo a leitura da última página, ele retornou. Assim que terminei, ele quis tocar o livro, pegá-lo. Pedi para que se sentasse em meu colo. Ele o fez e eu reli o livro para ele, enquanto ficou em meu colo, pois logo saiu a caminhar pela sala. Acredito que o suspense de minha entonação ao ler as últimas frases do livro o convidou para retornar à leitura.

Ao ler a história *A Espera*, Ana Luiza de Paula, 2008, em agosto, Rejane trouxe para a sala referência dobraduras de duas pombas. Elas, junto do livro, narraram a história para os bebês. Ao fim da leitura, as dobraduras em formato de pombas foram colocadas no sótão da casinha de madeira que há na sala. Seus bicos ficavam aparentes e os bebês podiam vê-los. No decorrer desse dia, observei a bebê Rafaella com um paninho

possibilidades que esse ambiente pode ofertar, sem necessidade de quadro negro, classes e cadeiras correspondentes aos números de alunos da turma.

¹³ No Anexo 2 estão relacionados os livros utilizados nas intervenções para a presente pesquisa.

constantemente limpando seu nariz. Na ilustração do livro utilizado nesse dia, a pomba manda que seu namorado, que cuspiu no chão, limpe a sujeira, e ele utiliza um pano. Rafaella estava gripada e com o nariz expelindo secreção. Com frequência, a chamávamos para limpar o nariz. Com um pano, que ela alcançou de nossos materiais, passou a limpar seu nariz. Penso que, neste momento e desta forma, a bebê demonstrou desejo de autonomia e independência, mas também de interpretação da história narrada.

No mês de setembro, ao fim da tarde, estava próximo do momento de Flávia encontrar a mãe, que viria buscá-la para dar-lhe de mamar. Os outros bebês, que tomam mamadeira na escola, receberam seu leite e Flavia chamou “mãe”. Quando a questioneei se queria sua mãe, ela respondeu “tete”. Eu, então, tentei tranquilizá-la, dizendo que sua mamãe já estava chegando e ela logo ganharia o seu “tete”.

No livro *O Dia Agitado do Gatinho*¹⁴, são relatadas brincadeiras e atividades que o personagem desenvolve durante seu dia e, uma das brincadeiras é jogar bola. Foi nesse mês, após a leitura do livro, que o bebê John também expressou uma palavra: “bola”. Tal palavra foi dita durante as brincadeiras com bolas.

Após leitura do livro *O Passarinho Dico*, Roberto Belli, Coleção Animais Recortados, Editora Todo Livro, em agosto, a professora Rejane trouxe para a sala uma gaiola com um pássaro de brinquedo que, ao bater palmas, canta. Penduramos a gaiola no teto, sobre o tapete e o nomeamos Dico, como o personagem da história. Por diversas vezes, retomamos a história de *Dico* e batemos palmas para ele cantar. No mês de outubro a bebê Rafaella aproximou-se da gaiola e bateu palmas. O som das palmas dela não foi suficiente para que o passarinho cantasse. Então eu bati palmas com mais força e ele cantou. Rafaella, então, disse: “Dico”.

No mês de outubro convivemos com a ausência da professora¹⁵ auxiliar, motivo de conversas entre as demais professoras, que nos questionávamos a respeito de sua saúde. Em uma manhã chuvosa, o bebê Benjamin foi até a porta de acesso ao solário e chamou “Aida, Aida, Aida”, a fim de saber onde estava sua outra professora, que há dias não via.

No mês de dezembro, a família da bebê Ana trouxe o livro *Cultura*¹⁶ para que eu lesse para a turma. Realizei o rito como de costume, estendi o tapete, os bebês reuniram-se

¹⁴ Grandreams/NPP, Coleção Fantoches, Editora Todo Livro, 2012.

¹⁵ Professora Auxiliar na turma de bebês. Ela está presente no cotidiano deles e é muito querida por todos.

¹⁶ Arnaldo Antunes, 2012, Editora Iluminuras

e, após a leitura, coloquei o livro sobre a estante da sala, imaginando que merecia cuidados maiores¹⁷. Assim que larguei o livro, questionei o grupo:

- Com o quê vocês querem brincar agora?

Rafaella respondeu:

- Livro.

Perguntei, como que se não acreditasse no que acabara de ouvir:

- Queres brincar com o quê, Rafaella?

- Livro, reforçou ela.

Meus olhos brilharam. Busquei, então, uma caixa de livros para que os bebês pudessem manipular e os que ali se encontravam, deleitar-se.

No mesmo mês, fizemos leitura do livro digital *O Livro dos Peixes*¹⁸. Assim que o primeiro peixe apareceu na projeção, o bebê Luis Gustavo levantou-se e foi até os cestos dos brinquedos e trouxe para mim um peixe de borracha que havia na sala. Logo concluí que havia sido um momento de interpretação e assimilação da leitura através de objetos do cotidiano. Durante a leitura do livro digital *O Livro do Patinho e sua turma*¹⁹, as bebês Ana e Rafaella emitiram a palavra “pato”, até então não articulada por elas. Além das leituras semanais, que já eram uma rotina na turma, proposta pelas professoras, mas que foram por mim analisadas posteriormente, os bebês também têm acesso a livros da caixa de leitura da faixa etária zero.

4.2 Cantigas e Acalantos: a música na escola

Diferente do ocorrido na intervenção com os livros, que ocorriam semanalmente, as cantigas e acalantos²⁰ foram utilizados, diariamente, no período entre agosto e dezembro: embalados para dormir, quando estavam brincando e explorando materiais, para acalmar e também, para animar os bebês. É importante ressaltar, que não apenas cantei com os bebês, mas também conversei, questionei sobre os desejos, as vontades, os choros.

¹⁷ Sempre que alcançamos livros de material um pouco mais frágil para os bebês, como um livro de papel, por exemplo, procuramos estar junto dele no manuseio. A habilidade motora fina está em desenvolvimento e acidentes podem ocorrer. Não é um problema, faz parte do processo, mas como o livro não era da escola, optei em precaver-me.

¹⁸ Livro digital de Luis Camargo

¹⁹ Livro digital de Luis Camargo

²⁰ Todas as letras das cantigas e acalantos utilizadas como material de pesquisa estão disponíveis no Anexo 3.

Em setembro, após a leitura do livro *Brincando*²¹, cantamos a música *Parabéns pra você* e inserimos os nomes de cada um dos bebês ao fim da música, repetidamente. Nos dias que sucederam à leitura, cantamos outras vezes a mesma música. Foi depois dessas cantigas que observei as bebês Rafaella e Flávia dizendo os nomes de seus colegas, John e Ana, consecutivamente. Flavia chamou Ana bem cedo, ao chegar à escola e encontrá-la. Rafaella chamou John ao percebê-lo chorando.

Rafaella, em outubro, pronunciou palavras como “sapo”, presente nas cantigas *O Sapo* e *Sapo Cururu*. Também pegou um gatinho de pelúcia e trouxe para mim dizendo “Tatau”, solicitando que cantasse a música *Catatau*. A bebê Flávia chamou o nome da colega Hannah, durante as brincadeiras realizadas na sala referência.

Em novembro, os bebês pronunciaram mais palavras referentes a cantigas utilizadas na sala. Ana falou “sapo”, presente nas cantigas *Eu Vi Um Sapo* e *O Sapo*. Flávia articulou “sapo” e “sai” presente na cantiga *Botei a mão na lata*. Letícia falou “au-au”, referindo-se a um fantoche utilizado durante a cantiga *Bidu*. Ela solicita que a cantemos novamente falando “Bidu”.

Outra observação foi quanto a gestos utilizados durante a cantiga *Abriu, Fechou* cantada muitas vezes para os bebês. Durante a troca de fraldas de Flávia, ela pegou uma bonequinha presente em um móbile pendurado sobre o trocador e, segurando as mãos da boneca disse “fechou”. Logo, colocou as mãos da boneca sobre os olhinhos e, em seguida, abriu os braços da boneca.

Algumas vezes, durante o mês de dezembro, para cantar a música *Borboletinha*, utilizei-me de um brinquedo, um Picapau de pelúcia. Certo dia, após a música ser cantada, Ana pegou o Picapau e disse “pau”. Ela acompanhou o bebê Luis que pediu “Dudu” e se deslocou em direção ao armário onde “dorme” o fantoche Bidu. Quando lá chegaram, Ana disse “Bidu”. Inspirada pela mesma música, Flávia e Lucas disseram “não”. Rafaella disse “gato”, após a cantiga, “Atirei o pau no Gato”.

4.3 Entrevistas com as famílias: práticas familiares de leitura, diálogos e música

Todas as famílias dos dez bebês foram entrevistadas e isso ocorreu entre dezembro de 2015 e janeiro de 2016: famílias de oito bebês foram visitadas em dezembro e as duas outras, em janeiro. A partir de entrevistas semi-estruturadas, me interessavam as

²¹ Coleção Borrachinha Maternal, Editora Leitura LTDA. Não há referência a autor/a. O livro foi utilizado na comemoração de uma festa na sala, pois relata o aniversário da personagem principal, uma boneca.

práticas de leitura na família (se havia e de que tipo eram, se ocorriam na presença ou não do bebê e qual o tipo de impressos que circulavam na casa). Além disso, interações como cantigas para os bebês (Se ouvia música em casa? Alguém que cantava para o bebê? Quais as músicas?) e conversas de adultos (pais, irmãos, outros familiares ou cuidadores) com eles eram o meu foco de interesse.

Em conversa prévia com o responsável pelo bebê, que me atendeu, questionei quanto ao uso do primeiro nome do bebê no estudo. Com a concordância de todos através da assinatura do Termo de Consentimento²², realizei as entrevistas em suas residências e na presença dos bebês, com exceção de uma família, cuja entrevista foi feita na escola durante o intervalo do meio dia e sem a presença do bebê. A seguir, apresento-as em sequência cronológica, partindo do bebê mais novo²³.

Lucas (14 meses/dezembro de 2015)

Lucas é filho único de seus pais. Os três moram sós. Ingressou na escola com cinco meses completos. Em agosto, no início das observações e registros, ele balbuciava um pouco. Observei que, no decorrer das intervenções com livros, o bebê demonstrou muito interesse pelas narrativas. Suas expressões eram de espanto e fascínio, modulados pelo ritmo das histórias. Na leitura de *Pedro Pinguim*, de Jo Rigg & Simon Mugford, Lucas estava sentado sobre o tapete e demonstrava vontade de lançar-se à frente, querendo o livro para si.

Durante a entrevista que realizei com sua mãe, ele brincou pelo chão da sala, com alguns brinquedos. Com frequência balbuciava, chamando a atenção dela e estendendo os braços para que o pegasse no colo. Com ele sentado junto dela no sofá, ela respondia às perguntas e solicitava a confirmação dele “Né, filho?”, dizia ela. Ele a olhava e sorria.

Iniciei perguntando sobre o costume da família de ler para o bebê. Com resposta positiva, a mãe disse utilizar-se de livros de histórias de bichos, de vegetais, também ler a “Bibliazinha” para ele²⁴. Informou que lê as histórias e mostra os desenhos, denominando-os e que os momentos de leitura ocorrem antes de dormir, ou em momentos em que o bebê brinca com os livros, que estão a sua disposição, junto aos demais brinquedos. A mãe disse ainda que os impressos utilizados pelos adultos não são manuseados na presença de Lucas. No entanto, cantar para o bebê é um hábito frequente: “Para dormir, é preciso nanar”, disse

²² O Termo de Consentimento dos Responsáveis pelos bebês consta no Anexo 6.

²³ Registrei, na descrição das entrevistas, a idade dos bebês no dia em que ocorreu.

²⁴ Referência à Bíblia para crianças que contém histórias bíblicas adaptadas à infância.

a mãe de Lucas. As músicas mais cantadas são os louvores da igreja, pois a mãe define-se como muito religiosa. Canta também músicas como *Pintinho Amarelinho* e *Dona Aranha*.

Na entrevista a mãe de Lucas acrescentou que quando cozinha, coloca o bebê perto, em sua cadeira de alimentação e dá a ele os ingredientes que vai manipulando, nomeando-os. Além disso, narra ao bebê o que está fazendo e quais os legumes e/ou vegetais está utilizando. O mesmo ocorre quando lhe é ofertada alguma fruta ou salada de frutas: a mãe nomeia o que está lhe ofertando.

O convívio do Lucas com outras crianças da família se dá aos finais de semana, quando se encontra com seus primos, que são crianças maiores. Sua preferência é pelo avô, que, segundo a mãe, permite que o bebê faça “o que quiser”. A mãe relatou que tem observado o Lucas tentando imitar algumas palavras ditas por ela e pelo pai e que os dois têm tomado cuidado com o que dizem, pois ele está “muito observador”.

Durante a entrevista Lucas tinha quinze meses. As palavras pronunciadas na escola eram “nanana”, para banana, “pan”, para pão e “não”. Elas foram ouvidas em novembro e dezembro; antes disso, comunicava-se através de acenos de cabeça, positivos e negativos, e estendendo a mão e chorando. De maneira a elucidar o ocorrido com Lucas em seu processo de aquisição da linguagem oral, utilizo como referências um texto de Vygotsky (1998, p. 156) no qual está escrito que “os significados das palavras são formações dinâmicas, e não estáticas. Modificam-se à medida que a criança se desenvolve; e também de acordo com as várias formas pelas quais o pensamento funciona”. A origem das palavras pronunciadas por Lucas podem ter vindo da interação com a mãe (os nomes dos alimentos) e/ou das músicas, uma vez que na cantiga *Bidu* o “não” aparece. No entanto, o não é uma palavra muito utilizada nas casas, talvez até mais que o sim.

Lucas é o bebê mais novo da turma e de sua família e, em casa, observei o prazer os adultos em ter um bebê. A mãe se preocupa em conversar e explicitar o que vai fazer e deixar claro o que pode ou não fazer. Ao pegá-lo no colo e confirmar o que diz, junto de Lucas, ela gosta de chamá-lo de bebê, reafirmando, assim, seu gosto de tê-lo nessa condição.

John (15 meses/dezembro de 2015)

O bebê é filho único e mora com seus pais, avós e tios. A entrevista com a família do John foi realizada em sua casa e quem respondeu as perguntas foi a mãe. Ao iniciar, o menino estava no banho, com o pai, mas logo se juntou a nós. Brincou com uma bola e buscou interação conosco, através de balbucios.

A mãe do menino informou que quando ele era menor, ela e o pai liam para eles, mas que, atualmente, não leem mais. A frequência da leitura, no início da vida de John, era diária. No entanto, depois da licença maternidade e retorno à rotina de trabalho, foram diminuindo para duas vezes por semana até que passaram a não ler mais. A mãe disse que sabe da importância da leitura, mas que, atualmente, não se organizam para ler para o bebê antes de dormir, como faziam antes. Informou ainda que os pais costumam ler jornal longe de John, pois “ele quer pegar”.

Cantar é um hábito frequente na família. A mãe de John o convidou para cantar a música *Estrelinha*, levantando as mãos e fazendo gestos para acompanhar a canção. O bebê, no entanto, não se interessou em acompanhá-la. Também disse que cantam a música do *Sapo*. Quando a mãe chamou-o para confirmar o que dizia, referente às conversas que tem com ele sobre o seu comportamento, o bebê manteve-se atento. Acrescentou que é preciso ter paciência ao falar, explicar para ele, pois é preciso repetir muitas vezes.

O convívio de John com outras crianças, seus primos, é aos finais de semana. A mãe relata que eles brincam com o bebê, mas que o John gosta e tem preferência por brincar com o avô paterno, devido à folia que ele faz com o bebê desde muito pequenino.

John é um bebê que tem a motricidade ampla bastante desenvolvida, desenvoltura que acompanha a aquisição da oralidade, pois ele busca comunicar-se com os colegas e com as professoras balbuciando e expressando algumas palavras.

Ana (17 meses em dezembro/2015)

A entrevista com a mãe da Ana foi realizada na escola, sem a presença da menina. Ela relatou que costuma ler para Ana, mas não todos os dias. Este é um hábito dela; os avós, que moram junto, não o tem. Porém, quando a bebê pega os livros (livros de receita, poesia, revistas, gibi) que estão na estante da sala, a avó lê para ela e, mesmo sendo pequenina, sempre conversam com ela, pedindo para que se comporte.

A mãe informou que presenteia a filha, quando esta se porta bem, com gibis (Turma da Mônica). Enquanto a mãe conta histórias para ela, a bebê repete algumas palavras. A mãe também disse que se cadastrou para receber os livros de uma instituição bancária e estes integram o acervo da menina.

O último livro que a menina recebeu foi de seu pai. Ana, conforme relata a mãe, vira as páginas do livro, aponta e diz “papai, papai”.

Além dos momentos em que a bebê escolhe suas leituras na estante da sala, a mãe lê para ela antes de dormir. E lê de tudo.

A mãe de Ana está cursando Faculdade e disse que usa o computador junto da menina, para fazer seus trabalhos. Relatou que a menina já quis mexer nas teclas e olha para a tela observando o que acontece. Informou também que os avós assistem televisão frequentemente com a menina.

A música está presente no dia a dia da família, que tem gostos diferenciados: enquanto a mãe gosta de ouvir rock, a avó, segundo a mãe, não é exigente. Então a bebê ouve de tudo.

A mãe informou que gosta muito de dançar. Porém para cantar para a Ana, a mãe escolhe músicas como *Borboletinha* e *Fui morar numa casinha*. Essa última é a preferida de Ana, que gosta de ficar colocando a língua para fora, quando a letra da música propõe: “olhou pra mim, olhou pra ti e fez assim!”. Para dormir, a Ana pede para mãe cantar *Pimpão*²⁵.

O hábito de dialogar nasceu junto com a Ana, segundo a mãe. Com a chegada da bebê e a presença mais próxima do pai, a família passou a conversar mais entre si, adultos com adultos e adultos com a bebê. A mãe disse acreditar que essa constante fala estimula a menina a falar, pois eles percebem sua necessidade em comunicar-se verbalmente com seus familiares, afinal, desde muito pequenina, balbucia bastante.

Na casa do pai de Ana, onde a mãe disse que o diálogo é constante, a bebê Ana encontra duas crianças de dois e cinco anos, com quem brinca nos finais de semana. O menino é mais velho, mas Ana demonstra querer estar junto dele, acompanhá-lo. Ela o observa muito, concluiu a mãe.

Antes que terminasse a entrevista, a mãe quis acrescentar que ela reclamava, em casa, que a bebê quase não falava, mas que agora está falando muito e demonstra entender o que é dito para ela além de fazer associações, como por exemplo, ver as orelhas de um urso pichado no muro, e dizer “Pimpão”.

Na escola, Ana costuma ficar atenta, prestando atenção enquanto se conversa com ela. Por vezes, repete uma ou outra palavra que lhe é dita. Quando quer algo, procura solicitar falando, por exemplo, “água”, “bolo” ou “mais”. Na expressão de seus desejos, identifiquei em Ana o que Vygotsky (1998, p. 158) menciona: “o pensamento passa por muitas transformações até transformar-se em fala. Não é só expressão que encontra na fala; encontra a sua realidade e a sua forma”.

²⁵ Mãe se refere à música *Ursinho Pimpão*. Composição de T. Landa, T. Cruz e Edgar Poças, foi gravada pela *Turma do Balão Mágico*, no Brasil na década de 1980.

Benjamin (17 meses em dezembro/2015)

A entrevista com a família de Benjamin foi realizada em sua casa e quem respondeu as perguntas foi a mãe, enquanto ele estava no colo da avó. O convívio do Benjamin com crianças, fora da escola, é com primos, um menino e uma menina, com os quais se encontra aos finais de semana. Diariamente, ele quer estar com a avó, por quem, de acordo com a mãe, é mimado.

Ao ser questionada quanto ao hábito de leitura com e para o bebê, a mãe afirmou que quase não lê, mas, às vezes, assiste vídeos da internet com ele e que esse momentos são à noite. Informou também que a leitura não é um hábito da família; os adultos pouco leem. Contudo, gostam de ouvir música e Benjamin gosta de dançar. E não são músicas infantis, são músicas agitadas. A mãe até inseriu, no momento da entrevista, um DVD do *Hi-5*²⁶, mas o bebê não prestou muita atenção.

A família procura conversar com o bebê, pois consideram que ele está preguiçoso para falar. Observando um primo e colegas da sala que já demonstram dominar um vocabulário mais ampliado (falam “Papai” e “Mamãe”, por exemplo) perceberam que o bebê fala menos. A mãe reconheceu, durante a entrevista, que não perguntam o que Benjamin quer: ele aponta para algo e os adultos dão.

O observado pela mãe, em casa, também é percebido na escola. Porém, no ambiente escolar, Benjamin é um bebê que balbucia bastante e busca atenção das colegas e professoras mudando a entonação dos balbucios ao reclamar, indicar ou solicitar algo.

Hannah (dezoito meses em dezembro/2015)

Ao chegar à casa da Hannah, ela veio recepcionar-me no portão, sorrindo e caminhando. Fiquei muito feliz, pois ainda não havia presenciado essa sua conquista. Durante nossa conversa, a avó e a mãe se alternaram nas respostas. Também Hannah quis contribuir, balbuciando.

A mãe e a avó leem livros para Hannah. O livro que ela mais gosta é o da *Poti, a Porquinha*²⁷. Já o padrinho e a madrinha, segundo seus familiares, mostram figuras. A avó

²⁶ A versão original australiana de Hi-5 é uma série de televisão infantil que estreou em 1999. Nela, jovens apresentadores cantam, dançam, ensinam a fazer sons diferentes e contam histórias. Com uma linguagem dirigida ao público infantil, o Hi-5 é conhecido como um grupo pop da música infantil no país. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Hi-5_\(Austr%C3%A1lia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hi-5_(Austr%C3%A1lia))

²⁷ Kathryn Smith, Editora Ciranda Cultural, 2007. O livro citado foi um presente dado pelas professoras à bebê na passagem de seu primeiro aniversário.

complementa dizendo que o padrinho brinca com Adivinhas²⁸, como *Cadê o Toucinho que Estava Aqui?*

De acordo com a mãe e avó, é comum cantarem para a Hannah, pois a família canta e ouve muitas músicas. A mãe relatou que Hannah adora sertanejo, Bruno e Marrone e é apaixonada por Paula Fernandes. Durante a entrevista, a avó cantou *Atirei o pau no gato* e a bebê a acompanhou, cantarolando. Em seguida, ela olhou para mim e parou de cantar. Tentei deixá-la à vontade, olhei para o lado, disfarcei, mas ela não tirava os olhos de mim. A mãe então, disse: – Ah! Envergonhada! Hannah sorriu e continuamos a entrevista.

Durante a entrevista, Hannah queria demonstrar suas habilidades, pois eram os primeiros passos que dava em minha presença. Volta e meia, caminhava e balbuciava chamando atenção para si. A mãe, avó e eu olhávamos para Hannah e a elogiávamos, incentivávamos para que continuasse. A avó de Hannah é artesã e relatou-me que desenha e mostra para ela seu trabalho, nomeando cada desenho. A mãe completou informando usar vídeos musicais disponíveis na internet para entreter a bebê. E que os momentos para realização dessas atividades são variados, não há um momento específico para tal.

O meio de informação e comunicação da mãe é o celular. A avó acrescenta que a mãe precisou colocar senha em seu celular porque a Hannah gasta seus créditos ligando para o avô. A mãe, então, narrou este episódio:

“Eu não sabia como é que estava gastando meus créditos. Meu pai um dia chegou e disse: O que é que acontece, hein? Me ligam e não falam nada! Eu falo alô, alô e ninguém responde fala comigo! Era a Hannah, ligando para o avô”.

É uma família que conversa muito com sua filhinha, que mostra e nomeia o que está lhe ofertando, além de perguntar o que deseja ao demonstrar incômodo. Não há outras crianças que convivam com a menina, nem esporadicamente. Eventualmente, a mãe combina com uma amiga que tem uma filha de dois anos para um passeio ou uma ida à pracinha.

²⁸ As adivinhas, também conhecidas como adivinhações ou "o que é, o que é" são perguntas em formato de charadas desafiadoras que fazem as pessoas pensar e se divertir. São criadas pelas pessoas e fazem parte da cultura popular e do folclore brasileiro. São muito comuns entre as crianças, mas também fazem sucesso entre os adultos. Na antiguidade, eram muito usadas como desafio aos homens para provar a sabedoria que possuíam. Fonte: <http://www.suapesquisa.com/folclorebrasileiro/adivinhas.htm>

Dentre os adultos que convivem com a Hannah, ela demonstra querer encontrar os padrinhos e tem um carinho muito grande pelo avô, a quem chama de “Paio”. De acordo com a mãe, o avô brinca muito com a Hannah.

Hannah me surpreendeu muito durante a entrevista. Inicialmente por vir me recepcionar caminhando, em seguida pela desenvoltura e vontade em conversar conosco. Ela buscou diálogo constante com a avó, com a mãe e comigo, embora em menor intensidade. Parecia querer completar o que falávamos. Na escola, a bebê demonstrava-se mais reservada, não balbuciava muito, nem com os professores nem com os colegas.

Vicente (18 meses em dezembro/2015)

Na casa de Vicente fui recebido por ele, sua mãe e a tia. Para início de conversa perguntei acerca dos hábitos leitores junto ao bebê e a mãe relatou que lê pouco para ele. Que, quando lê, utiliza livros infantis e mostra mais as figuras, nomeando-as: “Em alguns momentos o Vicente pega os livros e a gente lê para ele”, disse a mãe, afirmando que os livros ficam à disposição, na altura do bebê. Para a sua leitura informativa, a mãe e os demais familiares utilizam o celular; jornais e revistas, não.

Para o Vicente dormir, a mãe ou a tia cantam. Porém, quando ele está acordado e brincando, também usam cantigas como *Alecrim Dourado* e *Borboletinha*. A mãe destacou que gosta de cantar *Se essa rua fosse minha*²⁹, acrescentando o nome do Vicente no fim das frases: “... para o meu, para o meu Vicente passar...” ou “... tem um anjo, tem um anjo que mora lá” daí eu canto “... esse anjo se chama Vicente”.

Em meio a risos, a mãe disse conversar muito com o bebê orientando: – Não sobe aí, desce daí, não mexe nisso, aí não pode ir, Vicente! Mas que também brinca com ele perguntando quem são os parentes, e, segundo ela, ele indica apontando o dedo. Até a cadelinha ele conhece, disse a mãe. Ainda relatou que a família está incentivando o Vicente a falar, questionando o que ele deseja, mostrando e nomeando o que ofertam a ele, pois estava muito fácil para ele: tudo o que imaginavam que ele precisava, davam, não esperavam ele solicitar e nem mesmo questionavam o que queria.

O convívio do Vicente com outras crianças é diário, de acordo com o relato da mãe. Sempre há uma visita na casa. É quando a mãe observa que o menino demonstra

²⁹ Se essa rua, se essa rua fosse minha/Eu mandava, eu mandava ladrilhar/Com pedrinhas, com pedrinhas de brilhante/ Para o meu, para o meu amor passar. Nessa rua, nessa rua tem um bosque/Que se chama, que se chama solidão/Dentro dele, dentro dele mora um anjo/Que roubou, que roubou meu coração. Se eu roubei, se eu roubei teu coração/Tu roubaste, tu roubaste o meu também/Se eu roubei, se eu roubei teu coração/É porque, é porque te quero bem. Fonte: <https://www.letras.mus.br/cantigas-populares/134098/>

interesse em brincar com as crianças maiores: mesmo que eles não queiram ou não o convidem, Vicente quer estar junto deles.

No ambiente escolar, o Vicente era tranquilo e cauteloso. Não se expunha se não estivesse seguro. Próximo do fim de novembro, manifestou o desejo de comunicar-se. Buscamos conversar com ele, questionar o que desejava, entretanto, na maioria das vezes, ele permanecia observando-nos ou, algumas vezes, apontava para o objeto desejado.

Luis (dezoito meses em janeiro/2016)

Conversei com a mãe de Luis, na varanda, junto a casa, enquanto ele estava na sala, assistindo desenhos na televisão. A mãe relatou-me que, antes do bebê nascer, ela gostava e costumava ler e que tem alguns livros. Mas que após o seu nascimento, devido ao tempo corrido e afazeres da casa, não leu mais. Para sua leitura informativa e diversão, utiliza o celular. O bebê sempre está junto, mas não mexe no aparelho. Quando, à noite, está mais relaxada, mostra um ou outro bicho para ele no celular.

As canções, segundo a mãe, estão presentes no cotidiano da família. A mãe canta para ele dormir. A canção – Linda Flor de Criança – aprendeu com a avó, que cantava para ela dormir. Agora, que o bebê está mais esperto, segundo a mãe, ela tem nomeado o que vai lhe oferecer e conversado mais com ele. O bebê está começando a repetir o que a mãe fala, tentando imitar alguns sons emitidos por ela.

Fora do ambiente escolar, a única criança com a qual o Luis tem convívio é a prima, com a qual se encontra uma vez na semana, ao visitar sua avó. O bebê apresenta preferência em estar com o pai. A mãe acredita que seja devido ao pai realizar tudo conforme o bebê deseja, cedendo com facilidade a suas birras. Entre risos, ela quis ressaltar um episódio ocorrido entre o pai e o bebê:

“Outro dia, estava o pai falando sério com o Luis: Não, não está escutando o pai? Nenê do pai, não faz assim! Tá, o pai te dá...! Assim meu esposo faz. Por isso o Luis quer tanto estar com ele...”

Na escola, Luis mostrava-se concentrado e interessado nas intervenções com livros. Seu repertório de palavras era pequeno, mas estava atento ao que falávamos. Demonstrava compreender quando e qual o assunto de nossas conversas com ele.

Rafaella (21 meses em janeiro/2016)

A entrevista com a família da Rafaella se deu no jardim de sua casa, à tardinha. Quem respondeu as perguntas foi a mãe com a presença da bisavó. Sentadas em frente à casa, a mãe de Rafaella disse que não lê livros, mas que inventa muitas histórias para ela.

Livro mesmo, não costuma usar. Relatou ter percebido que, ao trazer um livro para casa, a bebê se interessou em folhear e ver os bichos ilustrados.

Quando está com sono, segundo a mãe, a bebê pede: “Mãe, canta?”, “Mãe, história”. Então, a mãe inventa histórias para ela e, às vezes, repete a história que ela pede: do porquinho e do pato.

Para a leitura informativa dos adultos, utilizam o jornal e a mãe ressaltou que Rafaella acompanha a avó, diariamente, durante a leitura do jornal. A mãe relatava seu gosto pela leitura quando Rafaella entrou em casa. Ao voltar, trouxe um livro que estava na cabeceira da cama da mãe. Esta exclamou: “Ah! Eu acho ela demais, né? Sempre avançada, sempre inventando”. Ainda falávamos sobre o gosto literário da mãe quando a bebê abriu a capa do livro e apontou para o autor: “Titio”, disse ela. Confirmei: “Sim, é o titio que escreveu o livro”. E a mãe disse que é sempre assim, ela quer conversar junto com os adultos. Informou que costumam cantar com e para a bebê: acompanham as músicas dos CDs da *Galinha Pintadinha*, do *Patati Patatá*³⁰. O diálogo também é uma constante nessa família e a mãe relatou que conversam muito com a bebê. Durante a conversa com a família da bebê, percebi o que Vygotsky (1998, p. 161) evidencia: “a capacidade que tem uma criança de comunicar-se por meio da linguagem relaciona-se diretamente com a diferenciação dos significados das palavras na sua fala e na sua consciência”.

A Rafaella tem primos que estão sempre juntos com ela. Eles têm idades parecidas com a dela e o convívio é diário. Há, também, um primo maior, de três anos, com quem ela se encontra aos fins de semana. Dentre esses, há uma dupla de gêmeos. A Rafaella sempre pergunta por eles, de acordo com sua mãe. Ela suspeita que seja porque acha interessante os dois serem tão parecidos.

Durante toda a entrevista com a mãe de Rafaella, a bebê conversou conosco. Gostava de fazer intervenções, repetia algumas palavras que dizíamos e procurava o meu colo. Na escola ocorria da mesma forma, Rafaella era muito falante e gostava de estar junto das professoras. Muito atenciosa e preocupada com os colegas, quando algum deles chorava, a bebê se aproximava e chamava seu nome, querendo saber o porquê de seu choro e tentando acalmá-lo.

Letícia (20 meses em dezembro/2015)

³⁰ Patati Patatá é uma dupla brasileira de palhaços conhecida como "a dupla de palhaços mais amada do Brasil". São interpretados, respectivamente, por Wagner da Silva Rocha e Henrique Pinheiro Namura. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Patati_Patatá

Para a entrevista com a família da Letícia, me dirigi até sua casa onde me encontrei com mãe, pai, tia, avó, irmãos e, claro, a Letícia. A mãe iniciou relatando que não costuma ler o que está escrito nos livros da menina, porque “ela não vai entender muito”, mas que mostra as ilustrações e nomeia-as. Há dois livros que a bebê gosta mais: o da *Peppa Pig*³¹ e o das *Princesas*³². Nesses, em especial, a mãe mostra as imagens, sem ler as histórias. Sempre que a Letícia pega os livros, alguém mostra as figuras para ela. Além de livros, a família usa vídeos no celular e no *tablet*, porque, nesse, ela não consegue mexer, segundo eles. Na hora de dormir, os vídeos auxiliam, disse a mãe. O pai continua a entrevista informando que não é possível ler jornal junto dela, pois a menina quer pegá-lo e acaba rasgando. Quanto ao celular, afirmou que a pequena sabe mexer e acaba desligando. Por isso, utilizam mais o *tablet*, que é mais difícil de Letícia manusear.

A tia de Letícia relatou que ela gosta de cantar a música “Palavras, palavras...”, tema de abertura de uma novela da televisão³³. Assim que a tia parou de cantarolar, Letícia continuou: “Lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá,...”. A respeito da preferência musical de Letícia, a tia informou: *Bidu*³⁴ e *O que é que eu sou sem Jesus?*³⁵ O pai disse que “conversar a família conversa bastante” e relatou episódios da menina comunicando-se:

“Se a gente chama: - Letícia, vem cá! Ou ela está querendo fazer alguma coisa e a gente diz para ela: - Vem cá! Ela mostra a mãozinha assim, tipo, espera aí, espera. Não sei onde ela aprendeu, mas faz isso com frequência!”

A mãe acrescentou que há coisas que eles acreditam que ela aprende na escola pois, em casa, não é hábito perguntar. Por exemplo, uma amiga da mãe veio visitar e perguntou onde estava o joelho da Letícia e ela apontou direitinho. Depois perguntou onde estava a cabeça e ela apontou também. Também identifica as pessoas da família, indicando onde estão com o olhar ou apontando o dedo. Ela sabe muitas coisas, afirmou a mãe. A tia completou dizendo que em certo dia, foi até o banheiro e Letícia a seguiu. Pediu para ela

³¹ *A História de Peppa*, Mark Baker e Neville Astley, Editora Salamandra, 2013. Além da história de Peppa, a porquinha, são apresentados personagens que acompanham em aventuras: o irmão George, o Papai Porquinho, a Mamãe Porquinha, Vovô e Vovó. Peppa é uma série britânica de desenhos animados para crianças em idade pré-escolar. Criada em 2004, passou a ser exibida, no Brasil, em 2011. Fontes: <http://www.livrariacultura.com.br/p/a-historia-de-peppa-13099466> e http://pt.wikipedia.org/wiki/Peppa_Pig.

³² O livro das Princesas, de acordo com a mãe de Letícia, é uma seleção de histórias das princesas da Disney: Bela Adormecida, Branca de Neve, entre outras.

³³ *Palavras ao Vento*, interpretada por Cássia Eller, tema de abertura da novela *Além do Tempo* (Globo, 2015).

³⁴ *Bidu* é uma cantiga muito cantada na escola. Integra o Anexo 3. A mãe referiu seu gosto por esta canção.

³⁵ Interpretada pelo Pe. Alessandro Campos, foi composta em parceria com Paulino e Vicente Dias. Lançada em 2014, no álbum “O que é que eu sou sem Jesus”.

buscar uma sacola de plástico para tirar o lixo, e ela foi. A tia acredita que a bebê foi até sua mochila da escola, onde há sacolas plásticas, e pegou uma para levar para ela. Para compreender os relatos da família, cerco-me de Vygotsky (1998) que afirma:

Existem, no desenvolvimento da criança, um período pré-linguístico do pensamento e um período pré-intelectual da fala. O pensamento e a palavra não são ligados por um elo primário. Ao longo da evolução do pensamento e da fala, tem início uma conexão entre ambos, que depois se modifica e se desenvolve. (Vygotsky, 1998, p. 149).

A Letícia tem irmãos mais velhos, todos brincam e estão sempre junto dela. Contudo, a bebê demonstra maior preferência pela irmã mais velha. A mãe acredita que seja devido ao grande contato que a menina sempre buscou ter com ela, para auxiliá-la nos cuidados. Para concluir, o pai quis relatar que, no crescimento dos outros filhos, ele não estava tão presente devido aos horários de trabalho, mas que com a Letícia, é uma surpresa a cada dia. Ela é muito esperta, aprende tudo muito rápido, terminou o pai.

Literalmente, a Letícia é a bebê da casa. A boneca que os irmãos “ganharam” para brincar. Não parece ter necessidade de comunicação, pois os muitos adultos que a cercam, gostam de atendê-la e fazer folia com ela. “Ser o bebê” se tornou gostoso e divertido e de fato é. Durante a entrevista, cada charminho, gracinha que ela fazia, os irmãos ou a tia ou ainda a avó tinham uma peripécia e história para narrar da pequena Letícia. Entretanto, a partir da convivência com os colegas na escola, seu amadurecimento e desenvolvimento pessoal e as intervenções realizadas no ambiente escolar, ela passou a sentir necessidade de comunicar-se oralmente.

Flavia (20 meses em dezembro/2015)

A mãe de Flavia me recebeu na sala de sua casa acompanhada da menina. Iniciamos a conversa sobre a leitura e ela disse que lê para ela utilizando livros infantis, que aponta e comenta as figuras, esclarecendo o que lê. Informou que Flavia gosta de ouvi-la falar, o mesmo ocorrendo com a irmã e completou que a menina tem um livro que “fala” o que está ilustrado e que um dos hábitos da pequena é abrir e fechar o livro várias vezes, para “ouvi-lo”.

Com livros ao seu alcance, Flavia pega e leva ao encontro da mãe ou da irmã e elas leem para a bebê. Não há uma rotina ou momento específico. Quando a mãe ou irmã vão ler alguma coisa para sua informação e/ou formação ou um bilhete da escola, explicam para Flavia o que estão fazendo. “Esse é um modo dela não pegar das mãos”, disse a mãe.

As músicas são utilizadas nos momentos em que a Flavia está chorosa ou triste. São músicas variadas, disse a mãe, ritmos diferentes, algumas mais agitadas, animadas, ela até se balança. Não importa a letra, relatou a mãe, o que importa, para a bebê, é o ritmo.

Enquanto conversávamos, Flavia brincava com uma boneca e, constantemente, buscava conversar com a mãe. Falar do brinquedo, pedir água, perguntar da irmã. Nesse contexto, a mãe me relatou que conversam muito com a bebê, explicam tudo o que fazem, o que ela pode ou não fazer, para ela ir associando e aprendendo as coisas.

A convivência de Flavia com crianças se resume à escola. A criança mais próxima dela mora em outra cidade, longe. Quando perguntei sobre as preferências de Flávia para brincar ou conversar, a mãe riu muito e perguntou se eu me referia a alguém além dela, pois a bebê sempre está chamando pela mãe e querendo-a por perto. Entretanto, a “mana” também é procurada pela Flavia, por brincar e fazer festa.

No ambiente escolar, uma das características marcantes de Flavia foi a atenção e concentração durante as intervenções com livros e cantigas. Interessada, observava enquanto estávamos falando com ela ou com os demais do grupo. Nas últimas semanas da pesquisa, ao fim da tarde, Flávia perguntava pela mãe e a irmã como se fizesse um *check list*, querendo saber onde estavam. Conforme eu ia respondendo aos questionamentos, ela ia ficando tranquila. Acredito que sentia saudades, pois, conforme afirma Vygotsky (1998, p. 156-157) “o pensamento não é simplesmente expresso em palavras; é por meio delas que ele passa a existir”.

5. Concluindo

O interesse da pesquisa foi registrar os processos escolares iniciais de bebês num mundo letrado, ou seja, os “rudimentos do comportamento leitor” (Rosa, 2015). Leitura com bebês, eu me perguntava. Sim, leitura com bebês, respondo hoje. Na busca por respostas, investi em meus próprios instrumentos de estudo e investigação: minhas crenças e meus procedimentos de coleta de informações.

Para o trabalho diário numa turma de faixa etária zero, que é composta por bebês entre quatro e onze meses, a quantidade – dez bebês – parece assustadora. Quando da pesquisa, pela intimidade que eu já adquirira – os cinco meses em que convivíamos – me deu a certeza de que era possível. Ingenuidade minha!

Baseados em nossa relação anteriormente vivida, a tranquilidade de alguns bebês em comunicar-se oralmente afluou. Não receio dizer que perdi algumas palavras ditas durante as intervenções. Contudo registrei o que me foi possível ouvir.

Uma de minhas dúvidas foi quanto à quantidade de bebês que seriam considerados. Sim, eu podia ter optado em analisar o repertório de apenas alguns bebês, mas como escolhê-los? Selecionar apenas os maiores de doze meses? Neste caso, deixaria dois fora do estudo. Descartei a ideia e analisei os dez bebês que compunham a turma.

Foi árduo.

Manter-me atenta a todos durante suas brincadeiras e diferentes investimentos investigativos foi difícil. Contudo, assegurada de que este é um processo, a evolução da aquisição da linguagem oral se deu gradativamente às intervenções realizadas. Entre as conclusões, uma palavra chave é processo. Afinal, o “letramento literário é o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem” (Cosson, 2014) e, como processo, é fluxo corrente, que “começa com as cantigas de ninar e continua por toda nossa vida”.

Foi assim que, a partir das intervenções com cantigas percebi o uso de palavras no vocabulário dos bebês. Por exemplo, os seus nomes, inseridos por mim em cantigas como *Que bom que você veio*, *Bom dia, como vai você?* e *Quem chegou à escola*, foram acrescentados no repertório de palavras de algumas bebês. Esses nomes foram incorporados às tentativas de comunicação realizadas: ao chamar o colega, tentando auxiliá-lo enquanto chorava ou para auxiliar a professora, enquanto servia água para a turma. Nesse sentido, Vygotsky (1998, p. 157) afirma que “a unidade da fala é uma unidade complexa, e não homogênea. (...) quanto ao significado, a primeira palavra da criança é uma frase completa”. Ou seja, tentativas de interação com o outro, o que ocorreu com a Rafaella que,

ao acalantar John ou Benjamin, chamava-os e dizia: – O que há com você? Ou: – Acalme-se, não precisa ficar triste. O mesmo pode ser dito de Flavia que, ao entregar a mamadeira de água para os colegas, denominava-os: – Ana, queres água? Hannah, queres água? John, queres água?

Cabe ressaltar que as palavras mais pronunciadas pelos bebês, tanto contidas em cantigas quanto em livros, foram as que, de alguma maneira, estavam presentes na sala, pátio ou na escola. O fantoche “Bidu”, o passarinho “Dico”, o “Sapo” de pelúcia e o gato “Catatau”. Estas referências partiram de cantigas e se tornaram companhia na sala, junto aos bebês. Mais tarde, em novembro, quando pude acompanhar Rafaella brincando com a boneca de “fechou/abriu”, compreendi que “o significado das palavras é um fenômeno do pensamento verbal, ou da fala significativa – uma união da palavra e pensamento” (Vygotsky, 1998, p. 151).

Penso que a conexão entre fala e pensamento se dá de acordo com o desenvolvimento da criança e esta modifica-se de acordo com a necessidade, ou seja, quando é necessário se comunicar oralmente, o bebê o faz. Contudo se aquilo que lhe é necessário para sobrevivência e satisfação (alimentação, higiene, brinquedos...) lhe é ofertado e alcançado sem que solicite oralmente, ele permanecerá usando de artifícios gestuais, choro, próprios de seu estado confortável – ser bebê. Dessa maneira, afirmo que os bebês leem. Leem as reações causadas nos adultos por suas intervenções, as necessidades do outro e as próprias e tentam saná-las. E, nessa leitura, fazem interpretações das palavras expressas e das atitudes tomadas. Por isso, me permito discordar de Vygotsky (1998) quando este afirma que

Só quando este desenvolvimento se completa é que a criança se torna de fato capaz de formular o seu próprio pensamento e de compreender a fala dos outros. Até então, a sua utilização das palavras coincide com a dos adultos em sua referência objetiva, mas não em seu significado. (VYGOTSKY, 1998, p. 162)

A discordância se deve a eu ter observado em bebês de dezesseis meses intencionalidade nas expressões e tentativas de comunicação. Acredito, também, que as expressões faciais e a entonação usada nas palavras, auxiliam na compreensão dos significados e possíveis usos das palavras.

De outra maneira, se com frequência oferta-se aos bebês possibilidade, espaço para expressão oral, traz-se ao seu convívio um ambiente de fala e audição. Acredito, foi o que ocorreu quando Rafaella, em dezembro, solicitou brincar com livros. Ali me deparei

com o processo de iniciação à leitura literária (Paulino, 2014). O livro e seu universo já haviam capturado a Rafaella, e ela estava demandando de mim repetir, continuar a brincadeira.

Ler para bebês é possível. Construir junto deles uma rotina de leitura é uma das estratégias que possibilitam seu gosto e hábito leitor. Além disso, possibilita auxiliar em seu processo de aquisição da linguagem, que é uma evolução, não só inicialmente do pensamento e, posteriormente, para a fala. Mas se completam, complementam. Se o “pensamento e a palavra não provêm de um único modelo” e entre ambos existem “mais diferenças que semelhanças”, pode-se afirmar que a “estrutura da fala não é um mero reflexo da estrutura do pensamento” (Vygotsky, 1998 p. 158).

Enquanto aperfeiçoavam o uso das palavras na comunicação, observei alguns bebês balbuciando em diferentes entonações e evoluindo a pronúncia de palavras, o que corrobora os estudos que realizei e que dizem que a forma de expressar e o significado das palavras “modificam-se à medida que a criança se desenvolve; e também de acordo com as várias formas pelas quais os o pensamento funciona” (Vygotsky, 1998, p. 156).

As expressões faciais observadas durante a narrativa de algum livro, quando da entonação vocal que imprimia ritmo na leitura, foram incontáveis. Assim, pouco a pouco, vai se percebendo que “a linguagem se mostra não apenas um meio de comunicação, mas um objeto de admiração, como espaço da criatividade” (Paulino, 2014).

Outra das conclusões por mim produzidas neste trabalho de cunho investigativo foi a diversidade na aquisição do léxico: alguns bebês tiveram maior desenvoltura que outros, e isso se deveu, de acordo com o que pude observar, às idades diferenciadas dos bebês, mas, também e essencialmente, à cultura familiar no trato da leitura, diálogo e música.

Percebi que a necessidade, intensidade e forma com a qual a família interage (dialoga, canta e lê) com o bebê é decisivo em seu desenvolvimento, em casa³⁶ e na escola. Nas entrevistas – momento mais rico de minha pesquisa – observei que a maioria das

³⁶ Em artigo intitulado “Um dicionário de estímulos” (Zero Hora, 16/17/04/2016), as fonoaudiólogas Amanda Gans e Sueh Loren Vieira indicam práticas adequadas para o desenvolvimento da linguagem oral de bebês: até os seis meses, diálogo nos momentos de atenção pessoal (banho, alimentação, higiene), anúnciação do que será realizado com e para o bebê e a necessidade de um tempo exclusivo para o adulto comunicar-se com ele. Para bebês entre seis e doze meses, uso de fantoches e a denominação de objetos, pessoas e tudo o que chama a atenção dos pequenos. Alertam que a antecipação dos desejos e necessidades dos bebês não é adequada. Na reportagem, o contato com o livro aparece referenciado apenas a partir dos doze meses.

famílias lê com e para seus filhos e, mesmo entre os que não leem, a importância de utilizar o livro é reconhecida. Percebi, ao dialogar com os familiares dos bebês que cuido e educo, que o diálogo e as expectativas depositadas sobre seus bebês, que em grande parte são únicos, prediletos ou especiais, é uma constante.

Observei e compreendi que a música integra o repertório de gostos e saberes partilhados, mesmo que os ritmos e os sons não sejam “escolares” ou “adequados” à infância. Nas casas encontrei cantigas, canções, audições: para dormir, para acalmar, para dançar, para se divertir. Mesmo com poucas similaridades com o repertório utilizado na escola, a música é essencial no início do letramento literário.

Percebi que as famílias dispõem de pouco tempo para si e seus processos de leitura informativa ou prazerosa. Que consideram as atitudes curiosas dos bebês como problemas (o bebê gasta créditos do telefone; ele liga/desliga o celular; ele rasga o jornal; ele atrapalha a leitura dos adultos) e que essas práticas, tão importantes para criar exemplos de letramento, são realizadas longe dos bebês.

Outra das conclusões a que chego é quanto ao apoio e a atenção de minha colega de turma que, muitas vezes, chamava a atenção para as palavras ditas pelos bebês que eu não ouvira ou não anotara. Sem ela, o trabalho teria sido enlouquecedor. Como já referido, registrar as palavras pronunciadas por dez bebês é muito difícil. Foi com ela, também, que discuti acerca das observações realizadas e dados gerados.

O trabalho em grupo na Educação Infantil é de grande importância e, acredito, necessário. Com olhares e leituras diferentes voltados para as crianças, se pode perceber melhor suas necessidades e encontrar maneiras de auxiliá-las em seu desenvolvimento. A riqueza do planejamento em conjunto está na dialética de observar, registrar, dialogar e melhorar a prática. Nesse processo, a leitura individual de cada professor é enriquecida com o diálogo realizado entre as profissionais envolvidas.

Com relação à aprendizagem no Curso de Especialização, considero importante ressaltar a alegria de compartilhar experiências, aprender e rever conceitos, quebrar paradigmas e construir aprendizagens na companhia de profissionais tão comprometidas com a educação pública de qualidade. Tudo isso possibilitado por professores que, antes encontrados nos livros, apresentaram seus estudos e experiências de maneira ainda mais encantadora, apaixonada e cheia de esperança numa educação de realidade, verdade e qualidade.

Aprender a fazer pesquisa significou querer mais. Registrar mais e escrever mais. Buscar mais teorização para as práticas realizadas no cotidiano da sala, especialmente junto de bebês. Despertou em mim o desejo de formalizar os “achismos” recorrentes da profissão docente. Sim, muito da prática está na literatura, contudo, realizar tais conexões é um trabalho que exige dedicação, comprometimento e o passo inicial: querer. Está dado.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L9394.htm

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil**/Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília, DF, 2006.

_____. **Plano Nacional de Educação**. Brasília: Senado Federal, UNESCO. Disponível em: http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf

CAMARGO, Luís. **O Livro dos Peixes**. Livro digital, recebido por e-mail em 18/setembro/2015.

_____. **O Livro do Patinho e sua turma**. Livro digital, recebido por e-mail em 18/setembro/2015.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**. Glossário CEALE. Belo Horizonte: UFMG/CEALE/FaE, 2014. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitramento-literario>

FALK, Judit (Org.). **Educar os Três Primeiros Anos: a experiência de Lóczy**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2011.

FOCHI, Paulo. **Afinal, o que os bebês fazem no berçário?** Comunicação, autonomia e saber-fazer de bebês em um contexto de vida coletiva. Porto Alegre: Penso, 2015.

FONSECA, Edi. **Interações: com olhos de ler**, apontamentos sobre a leitura para a prática do professor da Educação Infantil. São Paulo: Blucher, 2012.

GANS, Amanda e VIEIRA, Sueh Loren. Um dicionário de estímulos. **Caderno Vida**, páginas 4-5. Porto Alegre: Jornal Zero Hora, 16-17/04/2016.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de A. **Múltiplas Linguagens na Educação Infância: perspectivas de protagonismo compartilhado entre professor, crianças e conhecimento**. In. FLORES, Maria Luiza Rodrigues e ALBUQUERQUE, Simone Santos de (Org.). **Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015 (p. 127-140)

NOVO HAMBURGO. Conselho Municipal de Educação. Parecer CME nº20/2007, de 23 de dezembro de 2007. Novo Hamburgo. Disponível em: http://www.novohamburgo.rs.gov/modules/conteudo/i_conteudo.php?codigo=218

PAULINO, Graça. **Leitura Literária**. Glossário CEALE. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitura-literaria>

REVILL, Barny. (produced and directed). Secret Life of Babies. **Documentário**. Reino Unido: Oxford Scientific Films, 2015. Disponível em: <https://www.netflix.com/Login?locale=en-BR&nextpage=http%3A%2F%2Fwww.netflix.com%2FWiPlayer%3Fmovieid%3D80009352>

ROSA, Cristina Maria. **Crianças pequenas e a linguagem: construção do sentido e a aquisição da linguagem oral da criança**. Disponível em: <http://crisalfabetoaparte.blogspot.com.br/2015/07/criancas-pequenas-e-linguagem.html>

_____. **Rudimentos de um comportamento leitor**. Disponível em: <http://crisalfabetoaparte.blogspot.com.br/2015/07/rudimentos-de-um-comportamento-leitor.html>

SMED – Secretaria Municipal de Educação. **PPP: Projeto Político Pedagógico da EMEI Pequeno Polegar**. Novo Hamburgo, 2012.

SOUZA, Renata Junqueira de & ROSA, Cristina Maria. **Leitura e Literatura: escolhas, descobertas e práticas com crianças de zero a cinco anos**. Presidente Prudente, SP – Pelotas, RS, maio de 2015.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. Tradução Jefferson Luiz Camargo, revisão técnica José Cipolla Neto – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TCE/RS. **Radiografia da Educação Infantil**. Disponível em: http://www1.tce.rs.gov.br/portal/page/portal/tcers/publicacoes/estudos/estudos_pesquisas/radiografia_educacao_infantil_2015

ANEXOS

Anexo 1 - Entrevista com as Famílias

1. Família: () bebê menino () bebê menina
 2. A família costuma ler para o (a) bebê?
 3. Usam livros? Quais? Jornais? Revistas? Quais? Outros? Quais?
 4. Em que momentos leem?
 5. Vocês costumam utilizar meios impressos e/ou digitais para sua leitura informativa e cultural (ex.: livro, jornal, revista, bilhete, celular, computador,...) junto do (a) bebê?
 6. A família costuma cantar para o bebê? Com que frequência?
 7. Quais músicas vocês cantam?
 8. É hábito conversar com o (a) bebê? Como conversam? Quem conversa?
- Nomeiam o que fazem e identificam o que se oferece para ele (a)?

Anexo 2 - Livros e cantigas utilizados entre agosto e dezembro/2015.

Mês	Livro	Cantiga/acalanto
Agosto	Pedro Pinguim (Jo Rigg&Simon Mugford) Olho Mágico – Fazenda (Ed. Caramelo) O Cavalo Ventania (Primeiro Livro do Bebê) A Espera (Ana Luiza de Paula) O Passarinho Dico (Ed. Todo Livro)	Cavalo Pangaré; Pintinho Amarelinho; Que bom que você veio!; Pombinha Branca; Borboletinha; Borboletão; O Sapo Não Lava o Pé; Cai cai Balão; Atirei o Pau no Gato; A Galinha; A Chuvinha Cai; Seu Lobato; Bidu; Toc toc (jogo de mãos)
Setembro	Brincando (Coleção Borrachinha Maternal) A Galinha (Zuza Vrbova – tradução Cristina Klein) O Dia Agitado do Gatinho (Ed. Todo Livro)	Parabéns pra você; Borboletinha; Borboletão; Casinha; Pombinha Branca; Bidu; O Sapo Não Lava o Pé; Seu Lobato; Atirei o Pau no Gato; Catatau; Upa Upa Cavalinho; A galinha; A Chuvinha Cai; O sapo; Toc toc (jogo de mãos)
Outubro	Emiliano (Jairo Buitrago e Rafael Yockteng) A Manta (Sonia Rosa) Um pra lá, outro pra cá (Ana Maria Machado) O Pato (Zuza Vrbova – tradução Cristina Klein)	Bom dia como vai você?; Quem chegou à escola...; Borboletinha; Borboletão; Bidu; Abriu, fechou; Sapo Cururu; Upa Upa Cavalinho; Seu Lobato; Marcha Soldado; O sapo; Catatau; Atirei o Pau no Gato; Toc toc (jogo de mãos).
Novembro	Trem de Ferro (Manuel Bandeira) Na Rua do Sabão (Manuel Bandeira) A Vaca Rebeca (Regina Siguemoto e Martinez) O Livro do Pinguim (Luis Camargo) O Livro da Tartaruga (Luis Camargo)	Ciranda, cirandinha; Eu vi um sapo; Atirei o Pau no Gato; Trem de Ferro; Catatau; O sapo Botei a Mão na Lata; Abriu, fechou; A galinha; Bidu; Bom dia como vai você?; Botei a Mão na Lata; Borboletinha; Borboletão; Ursinho Pimpão; Toc toc (jogo de mãos).
Dezembro	O Bebê da Cabeça aos Pés (Victoria Adler) O Livro dos Peixes (Luis Camargo) Cultura (Arnaldo Antunes) O Livro do Pato (Luis Camargo)	Borboletinha; Borboletão; Bom dia como vai você?; Cavalo Pangaré; Marcha Soldado; Abriu, fechou; Upa Upa Cavalinho; Atirei o Pau no Gato; Bidu; O sapo; Ursinho Pimpão; Toc toc (jogo de mãos).

Anexo 3 - Letras das músicas cantadas com e para os bebês em ordem alfabética**A chuinha Cai**

A chuinha cai
A chuinha cai
Plim plim
Plim plim

A galinha

A galinha pintadinha
E o galo carijó
A galinha usa saia
E o galo paletó
A galinha ficou doente
E o galo nem ligou
Os pintinhos foram correndo
Pra chamar o sue doutor
O doutor era o peru
A enfermeira um urubu
E a agulha da injeção
Era uma pena de pavão

Abriu, fechou

A janelinha fecha
Quando está chovendo
A janelinha abre
Se o sol está aparecendo
Pra cá, pra lá
Pra cá, pra lá, pra cá
O guarda-chuva abre
Quando está chovendo
O guarda-chuva fecha
Se o sol está aparecendo
Pra cá, pra lá
Pra cá, pra lá, pra cá
Abriu, fechou
Abriu, fechou, abriu
Abriu, fechou
Abriu, fechou, abriu

Atirei o Pau no Gato

Atirei o pau no gato to to
Mas o gato to to
Não morreu reu reu
Dona Chica ca ca
Admirou-se se se
Do berro do berro
Que o gato deu
Miau!

Bidu

Vem cá, Bidu
 Vem cá, Bidu
 Vem cá, vem cá, vem cá
 Não vou lá, não vou lá, não vou lá
 Tenho medo de apanhar

Bom dia como vai você?

Bom dia, como vai você?
 Meu amigo, como é bom te ver!
 Palmas, palmas
 Mão e mãos
 E um abraço de coração

Borboletinha

Borboletinha
 Está na cozinha
 Fazendo chocolate
 Para a madrinha
 Poti, poti
 Perna de pau
 Olho de vidro
 E nariz de pica pau
 Pau, pau

Borboletão

Borboletão
 Está no fogão
 Fazendo macarrão
 Para o patrão
 Poti, poti
 Perna de pau
 Olho de vidro
 E nariz de pica pau
 Pau, pau

Botei a Mão na Lata

Botei a mão na lata
 Pra pegar uma bolacha
 Não tinha bolacha não
 Tinha uma barata na minha mão
 Sai, sai pra lá sua barata
 Se te pego outra vez na bolacha
 Eu faço PLAF na lata

Cavalo Pangaré

Lá vem (nome do bebê) em seu cavalo Pangaré
 Mexendo o rabinho e de orelha em pé
 O cavalo se assustou
 O cavalo tropeçou
 Ploc, ploc, ploc, ploc, ploc, ploc, ploc, ploc

Cai cai Balão

Cai, cai balão
 Cai, cai balão
 Aqui na minha mão
 Não cai não,
 Não cai não
 Cai na rua do sabão

Casinha

Fui morar numa casinha nha
 Toda cheia ia
 De florzinha nha
 Saiu de lá lá lá
 Uma princesinha nha
 Olhou pra mim
 Olhou pra ti e fez assim:
 Smack smack!

Catatau

Eu conheço um gatinho
 Que se chama Catatau
 Dorme todo enroladinho
 Quando acorda faz miau miau miau
 Pula, pula bem contente
 É um gatinho muito bom
 Rola, rola bonitinho
 E quando dorme faz rom rom

Ciranda, cirandinha

Ciranda, cirandinha
 Vamos todos cirandar
 Vamos dar a meia volta
 Meia volta vamos dar
 O anel que tu me destes
 Era vidro e se quebrou
 O amor que tu me tinhas
 Era pouco e se acabou

Eu vi um sapo

Eu vi um sapo
 Na beira do rio
 De camisa verde a tremer de frio
 Não era sapo, nem a razinha
 Era a (nome da bebê menina)
 Só de calcinha
 Mas que gracinha!

Eu vi um sapo

Na beira do rio
 De camisa verde a tremer de frio
 Não era sapo, nem perereca
 Era o (nome do bebê menino)
 Só de cueca
 Mas que sapeca!

Marcha Soldado

Marcha soldado
Cabeça de papel
Quem não marchar direito
Vai preso no quartel
O quartel pegou fogo
Francisco deu sinal
Acuda, acuda a bandeira nacional

O sapo

O sapo, o sapo
Na beira da lagoa
Não tem, não tem
Rabinho e nem orelha

O Sapo Não Lava o Pé

O sapo não lava o pé
Não lava porque não quer
Ele mora lá na lagoa
Não lava o pé
Porque não quer
Mas que chulé!

Parabéns pra você

Parabéns pra você
Nessa data querida
Muitas felicidades
Muitos anos de vida

Pintinho Amarelinho

Meu pintinho amarelinho
Cabe aqui na minha mão
Quando quer comer bichinhos
Com seus pezinhos ele cisca o chão
Ele bate as asas
Ele faz piu, piu
Mas tem muito medo é do gavião

Pombinha Branca

Pombinha branca, o que estás fazendo?
Lavando roupa pro casamento
Vou me lavar
Vou me secar
Vou pra janela pra namorar
Passou um moço de terno branco
Chapéu de lado
Meu namorado
Mandei entrar
Mandei sentar
Cuspiu no chão?
Limpa aí, seu porcalhão!
Tenha mais educação!

Que bom que você veio

Olá, (nome do bebê)!
 Como vai, (nome do bebê)?
 Que bom que você veio
 Eu gosto muito de você!

Quem chegou à escola...

Quem chegou à escola hoje foi o (a) (nome do bebê)
 Que alegria em tê-lo (a) aqui
 Ó, ó (nome do bebê)!

Sapo Cururu

Sapo cururu
 Na beira do rio
 Quando o sapo canta, ó maninha
 É porque tem frio
 A mulher do sapo
 Deve estar lá dentro
 Fazendo rendinha, ó maninha
 Pro seu casamento

Seu Lobato

Seu Lobato tinha um sítio
 Ia ia ia ô
 E nesse sítio tinha um pato
 Ia ia ia ô
 Era quack, quack, quack pra lá
 Era quack, quack, quack pra cá
 Era quack, quack, quack pra todo o lado
 Ia ia ia ô

Toc toc (jogo de mãos)

Toc, toc, toc
 Quem vem lá?
 Dona Maricota
 Pode entrar
 Olá, olá
 Smack, smack

Trem de Ferro

O trem de ferro
 Quando sai de Pernambuco
 Vai fazendo chique-chique até chegar no Ceará
 Rebola bola você diz que dá e dá
 Você diz que dá na bola
 Mas na bola ninguém dá
 Um pouquinho de coca-cola
 Um pouquinho de guaraná

Upa, Upa, Cavalinho

Upa upa cavalinho
Vai fazendo pocotó
Upa upa ligeirinho
Vai cavalgando só
Pocotó, pocotó
Pocotó, pocotó, pocotó

Ursinho Pimpão

Vem meu ursinho querido
Meu companheirinho
Ursinho Pimpão
Vamos sonhar aventuras
Voar nas alturas da imaginação
Dança também Pimpão
Pelo salão Pimpão
É tão bonita
Nossa canção

Anexo 4 – Termo de Autorização para realização da pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

À diretora da escola

A proposta de pesquisa que realizo como aluna do curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, procura investigar o **desenvolvimento da aquisição da linguagem oral em bebês a partir da descrição e análise de seu repertório de palavras, tendo como ponto de partida a observação dos bebês com os livros e em intervenções de leitura.**

Assim, com o consentimento e autorização da direção da escola, das professoras e dos pais e/ou responsáveis pelas crianças, pretendo **observar os bebês, anotar seu repertório de palavras durante cinco meses (agosto a dezembro), entrevistar suas famílias, e semanalmente, utilizar-me de leitura de livros e cantigas com os bebês.**

Comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam este tipo de trabalho, efetuando pessoalmente as **observações e entrevistas** junto aos sujeitos da pesquisa.

Os dados – **gerados pelas observações e entrevistas** – serão analisados e utilizados para fins exclusivos do trabalho acadêmico como: relatório de pesquisa, publicação e divulgação científica, atividades formativas de educadores, como aulas, palestras, seminários, congressos. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo às pessoas entrevistadas e/ou observadas, pois a divulgação dos relatos das observações e transcrição as entrevistas terão como referência as regras sobre o uso ético das imagens na pesquisa (Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde).

Como pesquisadora responsável pela pesquisa, comprometo-me a responder e esclarecer qualquer dúvida ou necessidade que o participante ou seus responsáveis venham a ter no momento da pesquisa, ou sempre que julgarem necessário, através do fone: **(51) 9989 5701** ou pelo endereço eletrônico adrisempresorrindo@hotmail.com.

Eu, _____, na condição de diretora da **Escola Municipal de Educação Infantil Pequeno Polegar**, concordo que a pesquisa seja realizada em minha escola.

Assinatura da participante – Diretora da Escola.

Assinatura da pesquisadora – **Adriele Emilene Feix Rodrigues**

Assinatura da orientadora da pesquisa – **Cristina Maria Rosa**

Anexo 5 – Termo de Consentimento para realização da pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Aos Educadores

A proposta de pesquisa que realizo como aluna do curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, procura investigar o **desenvolvimento da aquisição da linguagem oral em bebês a partir da descrição e análise de seu repertório de palavras, tendo como ponto de partida a observação dos bebês com os livros e em intervenções de leitura.**

Assim, com o consentimento e autorização da direção da escola, das professoras e dos pais e/ou responsáveis pelas crianças, pretendo **observar os bebês, anotar seu repertório de palavras durante cinco meses (agosto a dezembro), entrevistar suas famílias, e semanalmente, utilizar-me de leitura de livros e cantigas com os bebês.**

Comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam este tipo de trabalho, efetuando pessoalmente as **observações e entrevistas** junto aos sujeitos da pesquisa.

Os dados – **gerados pelas observações e entrevistas** – serão analisados e utilizados para fins exclusivos do trabalho acadêmico como: relatório de pesquisa, publicação e divulgação científica, atividades formativas de educadores, como aulas, palestras, seminários, congressos. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo às pessoas entrevistadas e/ou observadas, pois a divulgação dos relatos das observações e transcrição as entrevistas terão como referência as regras sobre o uso ético das imagens na pesquisa (Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde).

Como pesquisadora responsável pela pesquisa, comprometo-me a responder e esclarecer qualquer dúvida ou necessidade que o participante ou seus responsáveis venham a ter no momento da pesquisa, ou sempre que julgarem necessário, através do fone: **(51) 9989 5701** ou pelo endereço eletrônico adrisempresorrindo@hotmail.com.

Eu, _____, professora da **Escola Municipal de Educação Infantil Pequeno Polegar**, concordo em participar da referida pesquisa.

Assinatura da participante – Professora

Assinatura da pesquisadora – **Adrielle Emilene Feix Rodrigues**

Assinatura da orientadora da pesquisa – **Cristina Maria Rosa**

Anexo 6 – Termo de Autorização para participação na pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Aos pais e/ou responsáveis

A proposta de pesquisa que realizo como aluna do curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, procura investigar o **desenvolvimento da aquisição da linguagem oral em bebês a partir da descrição e análise de seu repertório de palavras, tendo como ponto de partida a observação dos bebês com os livros e em intervenções de leitura.**

Assim, com o consentimento e autorização da direção da escola, das professoras e dos pais e/ou responsáveis pelas crianças, pretendo **observar os bebês, anotar seu repertório de palavras durante cinco meses (agosto a dezembro), entrevistar suas famílias, e semanalmente, utilizar-me de leitura de livros e cantigas com os bebês.**

Comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam este tipo de trabalho, efetuando pessoalmente as **observações e entrevistas** junto aos sujeitos da pesquisa.

Os dados – **gerados pelas observações e entrevistas** – serão analisados e utilizados para fins exclusivos do trabalho acadêmico como: relatório de pesquisa, publicação e divulgação científica, atividades formativas de educadores, como aulas, palestras, seminários, congressos. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo às pessoas entrevistadas e/ou observadas, pois a divulgação dos relatos das observações e transcrição as entrevistas terão como referência as regras sobre o uso ético das imagens na pesquisa (Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde).

Como pesquisadora responsável pela pesquisa, comprometo-me a responder e esclarecer qualquer dúvida ou necessidade que o participante ou seus responsáveis venham a ter no momento da pesquisa, ou sempre que julgarem necessário, através do fone: **(51) 9989 5701** ou pelo endereço eletrônico adrisempresorrindo@hotmail.com.

Eu, _____, que sou _____ e responsável pelo bebê _____, concordo em participar da referida pesquisa. Bem como autorizo o relato das observações e transcrição das entrevistas realizadas para o fim dessa pesquisa.

Assinatura da participante – **Pai, mãe ou responsável pela criança.**

Assinatura da pesquisadora – **Adrielle Emilene Feix Rodrigues**

Assinatura da orientadora da pesquisa – **Cristina Maria Rosa**